

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO - ESAT
LICENCIATURA EM DANÇA**

ANDREW ROGGER AZEVEDO DOS SANTOS

**BOI-BUMBÁ DE PARINTINS: A valorização da cultura popular Amazônica
através do ensino e aprendizagem em escolas da cidade de Manaus/AM.**

**MANAUS
2018**

ANDREW ROGGER AZEVEDO DOS SANTOS

BOI-BUMBÁ DE PARINTINS: A valorização da cultura popular Amazônica através do ensino – aprendizagem em escolas da cidade de Manaus/AM.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a integralização do Curso de Licenciatura em Dança da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas sob a orientação da Professora Doutora Jeanne Chaves de Abreu (UEA).

MANAUS
2018

ANDREW ROGGER AZEVEDO DOS SANTOS

BOI-BUMBÁ DE PARINTINS: A valorização da cultura popular Amazônica através do ensino – aprendizagem em escolas da cidade de Manaus/Am.

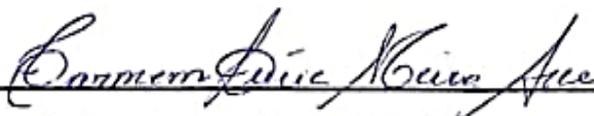
Data da Defesa: 04, 12, 2018

Resultado: Aprovado

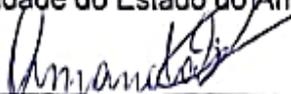
BANCA EXAMINADORA



Prof^a Dra. Jeanne Chaves de Abreu (Orientadora)
Universidade do Estado do Amazonas – UEA



Profa. Ma. Carmem Lúcia Meira Arce (membro)
Universidade do Estado do Amazonas - UEA



Prof^a. Dra* Amanda da Silva Pinto (membro)
Universidade do Estado do Amazonas – UEA

AGRADECIMENTO

Primeiramente a Deus, por me dar forças e discernimento para continuar com meus objetivos, guiando meus passos e pensamentos para persistir com fé na busca das realizações dos meus sonhos, conquistando vitórias significativas diariamente, dando orgulho a todos aqueles que acreditam no potencial existente em meu ser, sem pensar na desistência devido às dificuldades enfrentadas até o momento presente.

A professora doutora e grande mestra Jeanne Chaves de Abreu, por ter acreditado no meu projeto de pesquisa e a esplêndida orientação, dedicação e confiança que a mim foi passada em todo decorrer desse trabalho.

Aos meus pais, pessoas simples, amorosos e de coração grandioso, incentivadores de todos os meus projetos e inspiração para a carreira profissional que escolhi, e a qual me dedicarei de corpo e alma.

A toda a minha família. Em especial aos meus irmãos que participaram direta e indiretamente no decorrer dessa caminhada acadêmica.

Aos melhores e raros amigos que a universidade me presenteou e concedeu a oportunidade de poder somar com cada um, criando laços eternos de gratidão e apreço. Sem eles certamente a jornada teria sido bem mais desgastante.

Aos amigos que desde a infância me acompanham e aos que conheci durante a minha trajetória morando nessa cidade. Pessoas especiais que me deram o suporte necessário e apoio incondicional para a conquista desse primeiro sonho.

As agremiações folclóricas Bois-Bumbá Caprichoso e Garantido por total contribuição cultural em minha trajetória de vida artística.

A Universidade do Estado do Amazonas, pela oportunidade de me formar um profissional da área da Dança, proporcionando conhecimentos com excelentes profissionais capacitados que me prepararam com muita dedicação para o concorrido mercado de trabalho.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Alcidinei e Maria Waldinete, aos meus irmãos Alberth Ruan e Andrielle Ruany, pois, toda dedicação e força que obtive vieram por intermédio deles. E as pessoas especiais que conheci durante a minha estadia nessa cidade e que foram recíprocos em todos os momentos para que eu pudesse chegar até aqui.

*“Não é sobre tudo que o seu dinheiro é capaz de comprar
E sim sobre cada momento, sorriso a se compartilhar
Também não é sobre correr contra o tempo pra ter sempre mais
Porque quando menos se espera a vida já ficou pra trás
Segura teu filho no colo
Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui
Que a vida é trem bala parceiro
E a gente é só passageiro prestes a partir”*

Ana Vilela – Trem Bala

RESUMO

Ampliar horizontes sobre o significado das Artes no cotidiano dos indivíduos pensantes é um desafio que vem sendo enfrentado ao longo dos anos desde a existência da humanidade. Propondo isso, podemos destacar a dança como um fator essencial no estímulo de absorção dos conhecimentos em prol da socialização, interação, desenvolvimento motor e cognitivo no âmbito escolar. Praticada de antemão na promoção artística, enfrenta/ou muitos obstáculos até passar a ser ensinada em salas de aula estimulando o processo de ensino-aprendizagem de crianças, adolescentes e jovens das redes municipais, estaduais, federais ou privadas. As quatro linguagens artísticas abordadas na disciplina do ensino das artes, faz com que o profissional da disciplina seja forçado a adquirir uma polivalência em sala de aula para repassar informações necessárias de todas as vertentes artísticas onde a dança está inserida no plano pedagógico já elaborado e aprovado pelos PCN's de acordo com a LDB. Os estudos relacionados ao jovem e a dança ainda são incipientes, levando em consideração seu amplo aspecto social, procuramos pesquisar no campo como a cultura popular regional através do Ensino das Artes poderia contribuir na absorção de conhecimento e valorização da cultura Boi-Bumbá de Parintins por meio da dança. Investigamos algumas possibilidades do aluno adquirir criticidade sobre essa manifestação e na valorização com entendimento primordial da história e a dança do boi-bumbá se tornaria importante no cotidiano desses jovens. No campo metodológico caminhamos na corrente de cunho qualitativo e elencou como sujeitos, jovens na faixa etária de 14 a 16 anos. O lócus da intervenção foi o Colégio Amazonense Dom Pedro II localizado em Manaus-AM. Portanto, a interdisciplinaridade das artes e a dança foco principal na busca de conhecer através do saber popular de uma manifestação grandiosa que é o Boi-Bumbá de Parintins, consideramos que a mesma promoveu significativamente benefícios no âmbito escolar, social e interacional dos jovens, abrindo caminhos que abraçassem a cultura popular regional como conhecimento teórico-prático em sala de aula. Proporcionando a esses indivíduos conhecimento crítico significativo para a valorização de um patrimônio cultural do próprio Estado.

Palavras chave: Boi-Bumbá, Folclore, Cultura Popular, Arte Educação, Dança, Criticidade.

ABSTRACT

To enlarge horizons on the meaning of the Arts in the daily of the thinking individuals is a challenge that has been faced along the years from the humanity's existence. Proposing that, we can detach the dance as an essential factor in I stimulate him/it of absorption of the knowledge on behalf of the socialization, interaction, motor and cognitive development in the school extent. Practiced beforehand in the artistic promotion, it faces / or many obstacles until passing to be taught at classrooms stimulating the process of children's teaching-learning, adolescents and youths of the nets municipal, state, federal or toilets. The four artistic languages approached in the discipline of the teaching of the arts, he/she does with that the professional of the discipline is forced to acquire a polivalência in classroom to review necessary information of all of the artistic slopes where the dance is inserted in the pedagogic plan elaborated already and approved for PCN's in agreement with LDB. The studies related to the youth and the dance are still incipient, taking into his/her account wide social aspect, we tried to research in the field as the regional popular culture through the Teaching of the Arts could contribute in the knowledge absorption and valorization of the culture Ox-Bumbá of Parintins through the dance. We investigated some the student's possibilities to acquire criticidade about that manifestation and in the valorization with primordial understanding of the history and the dance of the ox-bumbá if it would turn important in the daily of those young ones. In the methodological field we walked in the current of qualitative stamp and elencou as subjects, young in the age group from 14 to 16 years. The lócus of the intervention was the Colégio Amazonense Dom Pedro II located in Manaus-AM. Therefore, the interdisciplinaridade of the arts and the dance main focus in the search of knowing through the popular knowledge of a grandiose manifestation that is it Ox-Bumbá of Parintins, we considered that the same promoted benefits significantly in the extent school, social and the youths' interacional, making ways to hug the regional popular culture as theoretical-practical knowledge in classroom. Providing the those individuals knowledge criticizes significant for the valorization of a cultural patrimony of the own State.

Words key: Ox-Bumbá, Folklore, Popular Culture, Arte Educação, Dances, Criticidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – UM SOBREVÔO SOBRE FOLCLORE E CULTURA POPULAR	14
1.1 - A CULTURA, O FOLCLORE E AS MANIFESTAÇÕES POPULARES DA AMAZÔNIA.	14
1.2- O BOI BUMBÁ DE PARINTINS	17
1.3- DANÇANDO SONHOS, LENDAS E RITUAIS.	21
CAPÍTULO 2 – AS DANÇAS FOLCLÓRICAS NO CONTEXTO ESCOLAR ..	25
2.1 – O ENSINO DA ARTE E A CULTURA POPULAR NA ESCOLA	25
2.2 – A CULTURA AMAZÔNICA E SUA INSERÇÃO NO CURRÍCULO DAS ESCOLAS DE MANAUS.....	35
3- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	43
3.1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA, COMUNIDADE E PERFIL DOS ALUNOS.	45
4- RESULTADO DE UM PROCESSO	48
1º Processo nas turmas “I e II” de 1º ano do Ensino Médio	49
2º Processo nas turmas “I e II” de 1º ano do Ensino Médio	52
3º Processo nas turmas “I e II” de 1º ano do Ensino Médio	55
4º Processo nas turmas “I e II” de 1º ano do Ensino Médio	57
5º Processo nas turmas “I e II” de 1º ano do Ensino Médio	61
6º Processo nas turmas “I e II” de 1º ano do Ensino Médio	63
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
6 – REFERÊNCIAS	74
ANEXOS	77

INTRODUÇÃO

A Arte está no contexto histórico das civilizações desde os primórdios da história da humanidade. Esse fato está incontestavelmente comprovado quando os sujeitos primitivos manifestaram sua arte ao criar e reproduzir imagens nas paredes das cavernas em formas de desenhos, pinturas, esculturas. Dentre essas grandes descobertas que colaboraram para o desenvolvimento do homem, surgiu a dança e posteriormente a música que vieram enriquecer o arcabouço cultural dos povos antigos e a partir de então o homem percebeu que essa era uma forma de comunicação essencial. Com o passar dos tempos, a humanidade burilou essas formas de expressão e comunicação e por meio de suas obras entendeu que era importante descrever uma história e ensinar aos outros indivíduos o grande prazer em ser um artista.

A Arte equivocadamente adentrou nas escolas de maneira que contribuísse para que o aluno tivesse um suporte para vida futura, ou seja, as mulheres tinham aulas de prendas domésticas (pintar, bordar, cozinhar, coser, etc.) para estarem aptas a serem boas donas de casa, os homens como provedores do lar tinham aulas de carpintaria, serigrafia, cultivo de horta entre outras. Alguns professores não entendiam isso como Arte, mas, é dessa forma que a mesma adentrou nas escolas.

Somente a partir da Lei 5692/71 no período da ditadura militar é que o ensino das artes ganha outro conceito passando de atividade de cunho não avaliativo e formativo, para compor o currículo obrigatório das escolas fundamentais como disciplina Educação Artística. Em 2016 foi aprovada a Lei nº 13.278 de 02 de maio/16 e que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei 9.394/1996) formalizando o sistema promovendo a valorização de profissionais das áreas de Dança, Música, Teatro e Artes visuais ao ser inserido nos componentes curriculares do Ensino Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio, atuando de forma separada e autônoma no ensino-aprendizagem dos alunos das redes públicas e privadas. Com a nova reforma do ensino.

Nos dias atuais, com as novas tecnologias e o surgimento de novas ideias recriadas por pensadores futuristas, a sociedade que desde o início de sua existência utilizara de valores éticos e morais para construir o modelo tradicional de

seus habitantes que culturalmente valorizavam a sua identidade nos mínimos detalhes para se diferenciar de outros lugares do mundo, está sofrendo modificações, e em alguns lugares isto está ocorrendo de forma drástica. O modo de apresentar a cultura como forma de identificação social de um determinado lugar, não condiz apenas em retratar a origem, história, políticas, costumes e crenças de um povo, mas declarar à uma sociedade que ela tem o direito e o dever de preservar a sua tradição cultural como direito constitucional.

Além de absorver os valores culturais no seio familiar e no dia-a-dia com a comunicação social entre os povos, utilizar a cultura regional e mostrar o folclore popular para o mundo tem uma grande aliada para impulsionar tais informações e que são abordados no meio educacional que é o espaço escolar. As escolas têm uma grande importância no desenvolvimento socioeducativo e cultural de cada indivíduo através do processo de ensino-aprendizagem ministrado pelos professores que compõem o quadro funcional. Os professores são responsáveis de repassar conhecimentos das diferentes disciplinas, trabalhando cada um dos conteúdos com a mesma intensidade e importância.

A disciplina de Artes visa contribuir com o desenvolvimento do conhecimento artístico dos alunos, propondo a descoberta de um novo mundo de maneira prazerosa a ser trabalhada. Sendo assim, através de pesquisas e vivências no estágio supervisionado, pudemos observar que as escolas realizam planos anuais que se subdividem em semestrais, bimestrais e trimestrais, e percebemos que a valorização da identidade cultural regional não está sendo contemplada nos conteúdos referentes a disciplina de Artes.

No estudo aqui apresentado, tivemos como objetivo investigar porque com toda sua diversidade, a cultura Amazônica não é abordada nos conteúdos da disciplina Artes. Foi necessário buscar parâmetros para entendermos quais os fatores que impedem tal ação, e buscamos na nossa prática uma interdisciplinaridade na própria Arte e suas vertentes, colocando a dança e música como ensino teórico- prático no Colégio Estadual D. Pedro II na qual a pesquisa foi realizada, de forma a valorizar a cultura popular do Boi Bumbá. Desse modo, temos a certeza que contribuímos para que alunos e professores compreendessem o valor social, econômico, político e cultural dessa manifestação folclórica.

A nossa abordagem metodológica foi de cunho qualitativo, exploratória, dando ênfase para a busca do reconhecimento cultural por meio da pesquisa-ação, e

abordagem participante. A mostra foi formada por alunos de ambos os gêneros com faixa etária de 14 a 16 anos de duas turmas do 1º ano do Ensino Médio do turno vespertino que estão devidamente matriculados e frequentando as aulas de Artes.

Realizar no Colégio Amazonense Dom Pedro II pesquisas e estudos sobre a dança do Boi-Bumbá de Parintins/AM, que com o passar dos tempos está sofrendo modificações drásticas quanto a sua originalidade, foi um dos grandes desafios que esse pesquisador teve que enfrentar. Por se tratar de uma manifestação centenária, necessita manter-se viva como cultura de um povo e acreditamos ser de extrema relevância levar ao conhecimento dos jovens sua importância no contexto cultural amazônico. Para o povo amazonense e principalmente para a população de Parintins, a preservação dessa cultura popular é de primordial importância para a economia do município, através do incentivo ao turismo, do trabalho artesão e dos valores educacionais, das possibilidades de novos conhecimentos entre outros.

No Amazonas, O Boi-Bumbá devido a sua espetacularização, ressalta um crescimento turístico positivo desde a sua origem até aos dias atuais, contribuindo com os fatores financeiros, sociais, culturais de vários municípios do interior do Amazonas, mas principalmente de Parintins, movimentando grande parte da população a desenvolver produtos artesanais, comidas típicas e outros. É de grande importância enfatizar que Manaus tornou-se adepta dessa cultura popular como identidade e incentiva a valorização com o Carnaboi, Boi Manaus, Currais e Bar dos Bois e o Festival Folclórico do Amazonas. Hoje, a cultura popular Boi Bumbá de Parintins, foi reconhecida em votação unânime como Patrimônio Cultural Nacional no dia 09 de Novembro de 2018, título merecidamente atribuído à grandiosidade que não só o festival folclórico concedeu ao mundo de conhecer, mas por um contexto social, político-econômico e cultural passado de geração a geração, fortalecido pelo povo amazonense que vive, sente, aprende, ensina e brinca a verdadeira festa de boi, seja ela de terreiro, de rua ou de arena.

A presente pesquisa está dividida em dois capítulos. No primeiro capítulo vamos realizar um sobrevoo sobre folclore e cultura popular nos seus conceitos formulados por estudiosos desse estudo tais como Brandão (1998), Laraya (1986) e Sanches (2012) que traçam influências que expressam o saber popular de forma em que o conhecimento cultural seja autêntico diante das propostas educacionais. Buscamos ainda a contribuição de Braga (2002), Monteiro (2004) e Nogueira (2008) pelo incentivo à reprodução da cultura e folclore nas instituições escolares e a

valorização das manifestações que representam a sociedade amazônica em todas as esferas comunicacionais. Para dar mais significado a temática de nossa pesquisa, Batista (2003), Abreu e Franco (2004) e Pereira (2009) simbolizam as outras artes como colaboradoras para o repasse de informações gerais no processo de ensino – aprendizagem dos sujeitos, visando apresentar as transformações que perpassam de geração a geração.

No segundo capítulo, versamos sobre o Ensino das Artes e a sua importância no âmbito escolar e para os jovens do ensino médio. Diante de nossa proposta educacional direcionada aos alunos de 1º ano, buscamos nos discursos de Marques (2011), Santos (2016), Barbosa (2008) e Boaventura (2009) caminhos onde a educação não se limita em determinadas áreas do conhecimento e percorre livre no cenário cultural, político e social dando ênfase na importância que as Artes têm de beneficiar aos alunos na sua própria interdisciplinaridade. Em colaboração principal de se trabalhar com a vertente Dança na escola, Marques (2010) Sampaio (2014) e Möndiger (2012) nos inspira a desvendar junto aos alunos o universo das artes e redescobrir as essências amazônicas em contribuição de Arantes (1990), BARZOTTO (2011) entre outros, que favorecem na inserção dos conhecimentos regionais como propostas no currículo escolar dos jovens do ensino médio.

CAPÍTULO 1 – UM SOBREVÔO SOBRE FOLCLORE E CULTURA POPULAR

1.1 - A CULTURA, O FOLCLORE E AS MANIFESTAÇÕES POPULARES DA AMAZÔNIA.

Os estudos sobre Folclore e Cultura Popular são oriundos de uma extensa área de conhecimento que para muitos causam estranhamentos nas suas definições conceituais por serem similares, mas existem pequenas diferenças em meio à estrutura contextual. O Folclore seria os contos, lendas, cantigas, estórias, brincadeiras, adivinhações, parlendas, entre outros, passados de geração a geração por via oral.

A Cultura Popular tem suas raízes em cada povo e, dessa forma, o folclore está contido nesse cenário cultural, dando ênfase aos valores aplicados no cotidiano de uma sociedade, suas tradições, o seu modo de fazer, usos e costumes. Cada povo produz uma arte peculiar que pode ser observado desde a construção de uma casa ao modo de cozinhar. Embora a complexidade e entendimento científico pesquisado ou a relevância do pensamento de um povo sobre as palavras referidas sejam um caminho interessante de se percorrer, o processo de ensino/aprendizagem de ambas manifestações, remetem a forma de como o conhecimento será compartilhado e a receptividade da comunicação para absorção desses ideais que cultura e folclore trazem consigo durante vários séculos.

Em seu livro intitulado “O que é Folclore”, Brandão (1998) , ressalta sobre a compreensão das palavras e acrescenta sobre o folclore:

Poesia à parte, se o folclore é isso, talvez não seja muito difícil compreender o que ele é. Mas acontece que ele, ao mesmo tempo, pode ser muito menos ou muito mais do que isso. Na cabeça de alguns, folclore é tudo o que o homem do povo faz e reproduz como tradição. Na de outros, é só uma pequena parte das tradições populares. Na cabeça de uns, o domínio do que é folclore é tão grande quanto o do que é cultura. Na de outros, por isso mesmo folclore não existe e é melhor chamar de cultura, cultura popular o que alguns chamam de folclore. E, de fato, para algumas pessoas as duas palavras são sinônimas e podem suceder-se sem problemas em um mesmo parágrafo... (BRANDÃO, 1998 – 13ª ed., p.23).

Nesse sentido, o folclore vem propondo significados que vivenciam a criação, conhecimento e reprodução natural por autores/folcloristas anônimos que um dia possam ser reconhecidos. Utilizando os saberes dos mitos, ritos, lendas, toadas, cantos, saberes e até mesmo a tecnologia, que teve uma importância gradativa para

que os conhecimentos fossem estabelecidos na sociedade. Em um trecho escrito por Bráulio do Nascimento apud Brandão (1998, p.24), no álbum sobre o Museu do Folclore Édison Carneiro, enfatiza que “a valorização do folclore, o reconhecimento da importância das manifestações populares na formação no lastro cultural da nação, constituem procedimentos capazes de assegurar as ações necessárias ao seu desenvolvimento”. Desse modo, o folclore liberta-se para ser criado, recriado, modificado e dar aberturas para que o seu tradicional passe de geração a geração, não perdendo sentidos importantes que foram atribuídos como características bases que possam ser compreendidas aos antigos e novos folcloristas, nos seus costumes e crenças.

Partindo-se desse pressuposto e como o folclore vem sendo estudado, Cleber Sanches identifica a sua importância e explana sua opinião ressaltando:

Estudar o folclore é conhecer a própria gênese cultural de um grupo social ou de um povo. É entender as razões de ser, os sentimentos as angustias, as alegrias, os anseios, os medos, os acontecimentos históricos que não foram registrados. É como se buscássemos compreender a personalidade de uma criança ainda em formação. É conhecer a essência, o significado da existência de um povo, com suas realidades reais e imaginárias. (SANCHES, Cleber, 2012, p.23)

Assim como Folclore, Cultura tem seus significados com amplo entendimento através dos estudos e pesquisas que influenciam um debate crítico para a formação de uma sociedade que a mantém no seu processo de civilização. Cultura é a união de vários fatores que compõe uma sociedade, influência no processo de renovação dos aspectos sociais, éticos e morais, visa o desenvolvimento no meio comunicacional, comportamentos e sugestões de novas ideias, uma herança social que na prática se transforma de acordo com o período e lugar onde ser humano habita, na qual a tradição se atualiza através das histórias e estórias vivenciadas de geração em geração.

A cultura não se restringe apenas nos saberes regionais de uma sociedade, tem seu conceito ampliado quando a finalidade das informações ao seu respeito tem como objetivo, demonstrar um conhecimento vivo do dia-a-dia de todas as pessoas no mundo. Laraya (1986, p. 37) colabora ao inserir que, “todos os homens são dotados do mesmo equipamento anatômico”, mas a utilização do mesmo, ao invés de ser determinado geneticamente, depende de um aprendizado e este consiste na cópia de padrões que fazem parte da herança cultural do grupo.

Cada sociedade tem suas crenças, organização espacial, manifestações e determinados meios de naturalidade peculiar do homem numa cultura popular. A cultura popular propriamente dita tem como base o cotidiano de cada indivíduo formador de uma comunidade ou sociedade, abrangendo vários conceitos, diferentes ideias aplicadas no dia-a-dia e vocabulário regional.

Conforme Pereira (2009), em seu artigo publicado e defendido no IX Congresso Nacional de Educação, nos informa que “compreender as manifestações da cultura popular é necessário entender desde a circularidade do tempo que vem trazer a tona e fazer vigorar um passado que não está petrificado em um museu, mas que está vivo e dinâmico no presente enquanto memória”, e traduz um inconformismo capaz de transformar esse presente, abrindo possibilidades para o futuro. Laraya (1986) indica que:

Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir. (LARAYA, 1986, p.105)

Nesse contexto, podemos identificar fatores primordiais que levarão a sociedade a não se fechar num individualismo, permitindo-se a buscar metas e objetivos no seu dia-a-dia para um convívio sadio com o coletivo em prol ao fortalecimento das características que moldam e define o fator social e cultural de todos os povos que habitam no mesmo espaço, pensando no seu crescimento intelectual e crítico a fim de que possam retribuir exercendo um papel fundamental de cidadão ativo a sua própria cultura, respeitando todas as outras existentes próximas ou adjacentes.

Em grande adversidade podemos rever fatores de conhecimento que influenciaram os estudos e pesquisas sobre as manifestações populares na Amazônia. Atualizar informações observando os meios que nas quais requer tempo, interesse e muito fascínio para redescobrir nossa própria história e a trajetória realizada desde o começo da civilização na região até os dias atuais. Onde comemoramos em datas fixas no calendário, com festividades simbólicas, como forma de manter as tradições vindas de tempos atrás por pessoas que buscaram interagir através dos seus ensinamentos e modificar os costumes das etnias que habitavam todo o território amazônica. Um processo de aculturação reconhecida por historiadores e amantes das artes com determinada visão de definição e progresso

de uma sociedade em transformação. Todo esse sistema evoluiu e recebeu a miscigenação de povos e a mestiçagem como fator de desenvolvimento e crescimento populacional nas terras amazônicas. Esse processo é identificado de forma inesperada por Batista (2003, p.70-72), na qual ele identifica que “grandes transformações foram realizadas e vieram a somar positivamente e ao mesmo tempo negativamente”. A importação de grandes e melhores artistas, médicos, professores competentes, advogados, jornalistas e outros com ampla capacidade intelectual, introduziram valores no seio do povo Amazônico e elevaram a um nível cultural de conhecimento estabelecido da época. E que em suas palavras, reforça que:

Tudo isso, por força, influiu sobre os filhos da terra e sobre os filhos de outras terras que aqui se fizeram intelectualmente, sob a emulação do brilho incontestável dos ádvenas – atingindo muitos o alto nível mental a que chegara o meio. . (BATISTA, 2003, p.72)

Nosso país é grandioso em relação à cultura e de tão sublime, faz de cada uma, única, num propósito de manter vivas, as riquezas e belezas naturais, num cenário tão amplo de conhecimento sobre folclore e cultura. Onde podemos observar fatores que nos levam há uma mágica viagem á todos os lugares que identificamos valores culturais, reproduzem suas essências, maneiras de pensar e agir, de se comportar e recriar seu cotidiano através de uma simples festividade, que logo são reconhecidas por outras pessoas e dai valorizadas com uma das grandiosas manifestações populares existente no país.

1.2- O BOI BUMBÁ DE PARINTINS

O Boi-bumbá de Parintins tem sua gênese histórica oriunda dos nordestinos que aqui chegaram ao auge da imigração na Amazônia há quase três séculos. O bumba-meu-boi ¹trouxe em sua bagagem grandes significados para a identidade de um povo amazônico de uma pequena cidade localizada em uma ilha no Amazonas, a 370 km de Manaus-Am. Monteiro (2004) assinala que após suas intensas

¹ Bumba-meu-boi: Festa popular realizada em varias regiões; folcloristas fazem referencia à confraternização pela chegada do Menino Deus entre os homens. Central no Maranhão.
Fonte: http://www.boibumba.com/dictionary_pt.htm

pesquisas sobre essa manifestação popular afirma e confirma em sua obra intitulada *Boi-Bumbá: História, Análise fundamental e juízo crítico*, que “a origem é eurásica e se faz presente desde 1787, documentadamente feita por um colono português”.

Dentro dessa premissa, tivemos então grandes influências de outras culturas que foram implantadas e deram suporte para tornar o Boi-Bumbá² como uma grandiosa manifestação popular do Brasil, que se consagra como festival folclórico a mais de 50 anos. E nessa perspectiva podemos saudar uma cultura popular brasileira que ao longo dos anos está crescendo cada vez mais, tendo reconhecimento nacional e internacional, que desde o seu estopim vem passando por algumas turbulências quanto a sua tradição devido à espetacularização obtida durante seus 105 anos de existência.

O boi-bumbá de Parintins tem uma história baseada na vida de caboclos ribeirinhos e de imigrantes nordestinos, mestiços, criativos e futuristas. Uma cultura que transborda conhecimento regional e se torna parte do folclore brasileiro na sua grandiosidade histórica passada por várias gerações, buscando seu diferencial com influências do Carnaval do Rio de Janeiro e unificada com a cultura indígena criou um grande vínculo cultural e social, readaptando a forma de expor o seu folclore popular sem perder a essência tradicional, aderindo uma espetacularização ímpar, explorada de maneira mercadológica pelos meios de comunicação em geral. Uma jornada de grandes momentos vivenciados desde 1913, pelos seus precursores Lindolfo Monteverde (criador do boi-bumbá Garantido) e Roque Cid (criador do boi-bumbá Caprichoso), devotos de Nossa Senhora do Carmo, por promessas criaram os Bois Caprichoso e Garantido para além de divertimento da população, buscaram reconhecimento e identidade cultural da cidade para ajudar na construção da Catedral de Nossa Senhora do Carmo.

Esse folguedo brasileiro ganhou forças e se expande durante um século tendo em suas apresentações canções poéticas, versadas como cordéis e que identificam o cotidiano dos ribeirinhos, lendas folclóricas e amazônicas, rituais indígenas através das letras criadas e contadas pelo gênero musical chamado “Toada”. Abreu e Franco (2004, p.40) indicam que, “o envolvimento da música como reflexo dos

² Boi Bumbá: Rica Manifestação Cultural. Estudiosos apresentam duas versões para explicar seu surgimento: uma delas, que teriam sido escravos e pessoas simples; outra, que estaria relacionado a elementos orientais e europeus do Boi-de-Canastra de Portugal. Lenda do fazendeiro que tinha um boi querido por todos, que sabia até dançar. Boi de Pano.

Fonte: http://www.boibumba.com/dictionary_pt.htm

espetáculos vai além de ser algo específico, mas sim algo que simboliza, representa ou evoca tendo inúmeras maneiras de se expressar”. E adicionando essa pequena citação, as toadas refletem o cotidiano dos populares, figuras típicas, rituais indígenas, lendas e mitos e é considerada única representativa por seu lugar de uso.

As primeiras aparições das brincadeiras de boi eram realizadas por um grupo de pessoas que representavam os personagens do boi-bumbá e saíam pelas ruas da cidade fazendo apresentações frente às casas em troca de uma retribuição em dinheiro para os brincantes. Com isso era realizada a encenação da matança do boi e a moeda valiosa seria pela língua do suposto animal. “Os personagens do auto do boi tinham auxílio de instrumentos que davam ritmo as danças e dramatizações do espetáculo”. (Braga, 2002).

Nem tudo era brincadeira, a rivalidade nessa época se criava e dividia a população pela escolha do seu boi preferido. As apresentações eram realizadas separadamente, os brincantes e torcedores jamais poderiam se encontrar, pois, um confronto era armado e o fanatismo falava mais alto. Nesse sentido a cidade ficou dividida e pelas cores escolhidas um lado ficou Vermelho e no outro a cor Azul. As brincadeiras realizavam-se nos terreiros e denominavam o lugar de Currais de Festas. De geração em geração a tradição se mantinha, os fundadores e suas famílias continuam até os dias atuais levando e contando a história para todos que queiram conhecer o Grandioso Boi de Parintins. Braga (2012) ressalta que:

“Em razão da violência vivenciada nas acirradas disputas do passado, o enredo de apresentação do boi foi paulatinamente sendo transformado, como resultado de um processo de domesticação da violência. Passou-se, então, de uma disputa difusa e violenta para um evento mediado por regras e um corpo de jurados, que implicou na transformação em um espetáculo moderno e de massa, com isso tornando-se o principal evento turístico da região”. (BRAGA, 2012, p.138).

Nesse contexto e levando em consideração a rivalidade que os bois travam até a atualidade, podemos inserir também nas nossas aulas as questões da violência que assola o cotidiano de várias famílias nas diversas camadas sociais. Pensamos que educação e cultura estejam atreladas e que podem e devem fazer diferença no nosso fazer pedagógico.

A importância da manifestação dos Bois de Parintins fez a população valorizar sua identidade cultural local e tornar visível não só na própria cidade e lugares próximos, mas para todo o país e mundo. As apresentações dos bois Garantido e

Caprichoso tomaram uma dimensão maior do que se esperava pelas perspectivas de seus fundadores e torcedores, que aflorou uma união em comunhão ao folclore regional do lugar, sendo oficializada a disputa entre eles através de um Festival. A equipe comandada por Raimundo Muniz, Xisto Pereira, Lucinor Barros e o Reverendo Padre Augusto, em 1965 reuniram-se na sede da JAC (Juventude Alegre Católica) e colocaram em tese a formação da base do que seria um dos maiores festivais folclóricos do Brasil. Tendo como data oficial da primeira disputa em 1965 na quadra da Catedral de Nossa Senhora do Carmo (Braga, 2002).

O grupo de folcloristas podiam não ter a certeza que o projeto visionário ganharia uma proporção cultural imensurável como visto nos anos atuais, porém sabiam que poderiam contar com a ajuda da população parintinense e municípios vizinhos para a divulgação dessa cultura popular hoje mais vista pelo mundo inteiro. Segundo Braga (2002), a partir dos anos de 1966 a 1982 com o crescimento do festival “foram reservados vários lugares que sediaram a disputa entre eles como a quadra da catedral, o Instituto de Previdência e Assistência do Amazonas (IPASEA), CEE – Comissão Central de Esportes da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, Terreno localizado no Final leste da Avenida Amazonas que hoje pertence ao Clube Ilha Verde, Estádio Tupy Cantanhede”. E procurando fixar as apresentações num lugar próprio para a disputas dos bois, em 1983 no local chamado Bumbódromo foram instaladas todas as estruturas para celebrar a festa e que teve uma grande divulgação midiática fazendo com que além da ajuda dos populares outros patrocinadores fizessem parte para o desenvolvimento da festa. A cidade ganhou como patrimônio cultural através do Governo do Estado, a construção moderna em formato de uma cabeça de touro do Centro Educacional e Desportivo Amazonino Mendes inaugurado em 1988, lugar que sede até hoje a disputa dos Bois Garantido e Caprichoso.

O Festival de Parintins teve como principal patrocinador os meios de comunicação que propagaram de forma escrita, formal pelos radialistas, televisiva e social, sendo ela completa em todos os sentidos de comunicação social. Fazendo um trabalho árduo de valorização do folclore e cultura popular. Segundo Nascimento apud Brandão (1984, p. 24) diretor do Instituto Nacional do Folclore: “A valorização do folclore, o reconhecimento da importância das manifestações populares na formação do lastro cultural da nação, constituem procedimentos capazes de assegurar as opções necessárias ao seu desenvolvimento”.

Nesse intuito, Nogueira (2008) fortalece a ideia de que os “meios de comunicação assumem um papel não só de incentivador cultural, mas, devido aos interesses ligados a ganhos financeiros e de audiências torna-se mercadológico”. Todos os tipos de veículos de comunicação tiveram um propósito de criação desde o surgimento do homem. Levar informação e receber a mesma como um *feedback* ou de uma maneira física “ação e reação” ou a lei do Retorno. A importância de nos comunicarmos é agraciada pelos simples fato de podermos utilizar a fala, gestos, escrituras feitas em qualquer objeto ou lugar, rádios, jornais, revistas, etc.

Retratando ao cenário da cultura popular, um dos meios de comunicação principal para que a manifestação folclórica Boi-Bumbá de Parintins pôde receber incentivos de divulgação e visibilidade nacionalmente e internacionalmente foi à televisão, através dela é que em 1987 o Festival de Parintins alavancou e ultrapassou as fronteiras midiáticas, não que os outros meios de comunicação não tenham sua importância, pois as informações eram entendidas pelos leitores e ouvintes, a TV veio somar para a transformação do Festival de Parintins no esplendoroso fenômeno do mercado cultural.

1.3- DANÇANDO SONHOS, LENDAS E RITUAIS.

O Festival de Parintins com a exportação midiática da sua manifestação para todo o mundo desenvolveu um modo de espetacularização que alcançou vários estudos por pesquisadores de culturas regionais através de análises das apresentações na arena do “Bumbódromo³”, festas nas sedes e principalmente a história que traduz a simplicidade vivenciada como tradição folclórica. O boi de Parintins tem um modelo de se apresentar muito compacto nos dias atuais, mas sempre utilizou todas as áreas das artes, com frequência, a música e as encenações contadas em dança para mostrar aos espectadores e telespectadores a sua identidade cultural.

Ao som de instrumentos feitos artesanalmente, os brincantes e simpatizantes aplicavam um modo de dançar simples, com passos que usavam a lateralidade e a

³ Bumbódromo: Centro cultural de Parintins, situado entre a Av. Nações Unidas e a Rua Paraíba. Inaugurado em 1988, com capacidade para 35 mil pessoas. Local onde se apresentam os bumbás, durante o Festival.

espacialidade, cadenciando com o ritmo contagiante pela marujada⁴ ou batucada⁵, nomes escolhidos pelos fundadores dos bois Caprichoso e Garantido para nomear os brincantes usuários dos instrumentos que davam sentido a grande festa. Não se tem informações de como foram inspirados ou elaborados os movimentos para dançar o boi-bumbá de Parintins, mas podemos identificar introduções como o bolero só que no ritmo mais acelerado e ficou conhecida como “Dois pra lá e Dois Pra cá”. Monteiro (2004) colabora ao afirmar que em épocas atrás, formava a linha de frente dançante dos bois a personagem que era “nomeada de Baliza⁶, hoje extinta, mas que eram precursoras dos movimentos acrobáticos, divertidos, figurino extravagante e que tinha grande admiração por quem prestigiava as apresentações”.

Verificando informações históricas e o crescimento dessa cultura popular, podemos denominar que a dança do boi-bumbá de Parintins tem suas originalidades e fundamentos, recebendo auxílio de algumas danças folclóricas indígenas para sua criação e efetivação. Até os anos 80, as toadas eram realizadas em versos e neles eram desenvolvidos os movimentos improvisados que retratavam o que era entoado pelos levantadores de toadas (cantores) e que era feito diferente por cada brincante, não existia uma coreografia exclusiva para cada toada. O tempo passou e os bois de Parintins passaram a absorver novas tendências artísticas e adequaram nas alegorias, figurinos/fantasia coletivas e dos personagens individuais, nas toadas e nas danças. Nos anos 90 o ritmo do boi-bumbá foi reconhecido através do grupo Carrapicho, que entoou a música “Tic,Tic,Tac” de Braulino Lima, fazendo ouvir e dançar em todos os lugares do Brasil e mundo, aderindo várias versões. A coreografia estilizada ficou comparada ao Axé da Bahia, que na mesma época estavam dando seus primeiros passos em busca de se fixar como ritmos de dança.

As coreografias de boi-bumbá começaram a ser desenvolvidas pela temática escolhida por cada boi e através das letras das toadas ganharam vida através dos dançarinos de bandas regionais que usavam dessa dança para a animação e entretenimento do público nos eventos e shows especiais de levantadores de toadas que representava Garantido e Caprichoso. Nessa mesma linha de pensamento, identificamos diferenças na dança do boi-bumbá tanto as coreografias elaboradas

⁴ Marujada: Um conjunto de músicos, ritmistas que utilizam instrumentos de percussão e acompanha a evolução do Bcoi Caprichoso.

⁵ Batucada: Um conjunto de músicos, ritmistas que utilizam instrumentos de percussão e acompanha a evolução do Bcoi Garantido.

⁶ Baliza: Pessoa que vai a frente de um grupo responsável de elaborar coreografias ao som das toadas nas apresentações dos bumbás.

para fascínio popular, quanto as que eram produzidas para ser apresentada no espetáculo de arena, Isso ocorria, pois eram contextualizadas e promovidas conforme regulamento do festival, passando por estudos e pesquisas realizadas que através da dança eram interpretadas para dar sentido as lendas, rituais, tribos indígenas e manifestações folclóricas. O “dois pra lá e dois pra cá” se instaura como marketing simbólico ganhando outros movimentos que aumentavam o interesse do público em dançar o ritmo.

Assim como o mundo acompanha a modernidade, a dança do boi-bumbá tem suas mudanças significativas incluindo outras linguagens como contemporâneo, moderno, clássico e outras que vieram para somar com o crescimento da cultura e que afetou de uma maneira geral a tradição que era mantida até os anos 90. Devido os temas serem mais complexos sobre a Amazônia, as toadas eram elaboradas e as coreografias nasciam para dar significado a elas. Mas com as novas gerações surgindo, as mudanças fizeram bem para o seu tempo e para outros acabou perdendo o brilho, os movimentos já não eram criados de forma simples e fáceis de memorizar e sim com um pouco de dificuldade.

Nesse contexto sobre a dança do boi-bumbá de Parintins, temos várias formas de identificar com o ritmo e uma delas pode ser observada na dança dos itens individuais que fazem parte da grande festa com suas representatividades que compõem a parte julgada do festival. A dança das belas morenas até o ano de 2004 era improvisada e com muito entusiasmo encantavam a todos. A partir de 2005 começaram a passar pelas aulas de profissionais escolhidos para dar outro padrão para definir cada item. Como a sinhazinha da fazenda⁷ que tem seus movimentos leves, meigos e face singela, diferente da cunhã poranga⁸, que décadas atrás era chamada de “miss” do boi antes de se introduzir o histórico indígena. Ela retrata uma dança mais dramática contextualizada com o modo real de uma índia guerreira que tem seus traços fortes, corpo escultural, cabelos negros e um olhar sedutor. Com a união dessas duas personagens dá-se vida a Rainha do Folclore que é traduzida por uma mulher morena, jeito caboclo, mestiça e sensual representante do novo povo civilizado da região amazônica que carrega na sua dança heranças de todos os povos com saudações ao folclore brasileiro. Por fim, a Porta Estandarte trazendo um

⁷ Sinhazinha da Fazenda é um dos personagens principais do auto do boi, filha do Amo, dono da fazenda, tem traços europeus, face angelical que expressa a sutileza, meiguice, graciosidade, bailado contagiante e carisma. .

⁸ Cunhã Poranga: a mulher mais bela da tribo, que encanta o coração dos guerreiros indígenas; sacerdotisa; Cunhã Poranga: Moça Bonita; Cunhã: Moça; Poranga: Bonita.

jeito de menina que contagia a todos pelo seu bailado e pela forma de conduzir o pavilhão do seu boi amado.

A inspiração que a dança faz nascer e renascer nos povos que visitam a cidade de Parintins é indescritível. O ritmo cada vez mais empolga, os sentimentos se afloram permitindo que as energias apareçam de maneiras contagiantes naqueles que brincam de boi bumbá. Isso é uma realidade vivenciada não só nos períodos de festas, ensaios e apresentações dos bois em determinadas partes da cidade, estado ou mundo a fora. A dança faz parte dessa metamorfose cultural desde muito tempo e os brincantes dessa cultura exportam com muita alegria e sorriso caboclo. De um jeito simples que encanta e traduz em forma de amor o que uma Toada quer nos mostrar. Seja ela ritualística, lendária, de preservação do nosso maior patrimônio, o Amazonas.

CAPÍTULO 2 – AS DANÇAS FOLCLÓRICAS NO CONTEXTO ESCOLAR

2.1 – O ENSINO DA ARTE E A CULTURA POPULAR NA ESCOLA

A Arte está no contexto histórico das civilizações desde os primórdios da existência humana. Quando pessoas manifestavam-se ao criar e reproduzir imagens nas paredes das cavernas em formas de desenhos, pinturas, esculturas. Dentre estas grandes descobertas que colaboraram para o desenvolvimento do ser humano, surgiram a dança e posteriormente a música a que vieram enriquecer o arcabouço cultural dos povos antigos e a partir de então o homem percebeu que essa era uma forma de comunicação essencial. Muitas dessas informações tornaram-se hipóteses pelo simples fato de não haver registros históricos no processo de transição das inúmeras civilizações que viveram nesse período crescente da humanidade, fatos que se perderam com o tempo e por estudos e descobertas arqueológicas puderam ser exploradas e divulgadas até os tempos atuais como forma de conhecimento.

A importância das artes nesse processo de ensino-aprendizagem reflete na certeza das possibilidades de conhecer e entender aspectos do nosso cotidiano, história e cultura como proposta de adquirir um olhar crítico e sensível, favorecendo o ambiente escolar a inserir no plano pedagógico aplicando de forma construtiva no saber de cada ser pensante. Todas essas concepções puderam existir após a introdução da escrita, que veio a exercer um papel fundamental no mundo.

A definição de artes é difícil de opinar no processo de ensino-aprendizagem em instituições de ensino e fora delas, devido à grandiosidade da palavra em conceitos qualitativos que por anos antes de adentrar nas escolas tratavam como forma de trabalho e de suporte atribuída às pessoas obterem uma vida futura, ou seja, as mulheres recebiam aulas de prendas domésticas (pintar, bordar, cozinhar, coser, etc.) para estarem aptas a serem boas donas de casa e os homens tinham aulas de carpintaria, serigrafia, cultivo de horta entre outras. Para a autora Marques (2011, p.11) “a arte é repleta de significados” capazes de se manifestar em diversas formas que o homem identifica possibilidades e ideias momentâneas que o acompanha até

os dias de hoje. Sejam elas de formatividade⁹, expressividade¹⁰ e representação¹¹”. A autora dá ênfase a sua definição, relatando os significados que:

“[...] este humano é quem deseja, sente, ama, educa, convive, faz, aprende, percebe e que a todo o momento é convidado de alguma maneira a entrar nos conceitos da arte – sejam eles superficiais ou densos. Esse convite pode num primeiro momento estar vinculado à arte enquanto funcionalidade e/ou pragmatismo, isto é, a arte como alicerce de uma postura de mercado, de matéria, como se fosse possível, assim, usar a argila somente com a possibilidade de fazer cinzeiro, tijolo, pote. Este pensamento minimiza a arte, atribuindo a ela um conceito cujo apelo denota apenas um fragmento eidético (ideia) do que a arte pode significar, para além de sua função”. (Marques, 2011, p.11).

Com esse pensamento de funcionalidade, a arte ainda vem enfrentando obstáculos e preconceitos daqueles que não buscam socializar, aprimorar suas habilidades e conhecer o que de fato se pode aprender sobre ela e atribuir na sua rotina pessoal. Um processo árduo e convidativo para restabelecer fatores de comunicação, proporcionando a todos o poder de se autocriticar, buscar referências por esse assunto tão simples e sensibilizar-se para que as formas de conhecimentos sejam aplicadas de maneira objetiva e concreta do saber artístico/educacional.

Na busca de um entendimento prático, Santos (2016, p. 21) nos mostra de uma forma simplista um retrato de como “a História da Arte se divide em períodos elencando: a Arte Primitiva, com pensamento místico; a Egípcia, com pensamento mítico; a Clássica, com pensamento humanístico; a Medieval, com pensamento Teocêntrico; a Renascentista, com pensamento humanista; a Barroca, com pensamento dualista; a Romântica, com pensamento contextual e, por fim, a Arte Moderna, com o pensamento psique”. Esse entendimento nos leva a perceber a importância da Arte nesses períodos em que vimos a transição e crescimento artístico.

Reiterando um papel social quanto ao homem praticante da arte e o talento que fora concedido na sua prática optando ser em qualquer subdivisão, mas maximizando conceitos satisfatórios quanto à realidade de se aprender Artes. Temos a partir de então, uma reflexão sobre a importância da Arte no convívio social e do saber. No entanto, a arte pode ser desenvolvida no conceito artístico na visão

⁹ Formatividade é a realização concreta de um conceito ou jeito de apresentar uma noção, ideia, ação, é a expressão do conhecimento humano, a manifestação do pensamento, a sensação. (Dicionário Prático de Pedagogia, 2003, p.124).

¹⁰ Expressão: ação de se exprimir, de mostrar os pensamentos, as ideias ou sentimentos por meios de gestos ou palavras, de forma oral, escrita ou outra forma qualquer de manifestação artística. (Dicionário Prático de Pedagogia, 2003, p.115).

¹¹ Representação: ação de representar, de reproduzir aquilo que se pensa. Tornar palpável um objeto ausente, um conceito abstrato, por meio de uma imagem, de uma linguagem, de um sinal, etc... (Dicionário Prático de Pedagogia, 2003, p.215).

de mundo e outra de conhecimento educacional, a Arte- Educação. As definições não são tão diferentes, mas devemos dar ênfase a essas ideias e conceder o uso nas formalidades de conhecimento. Nesse contexto, Ana Mae Barbosa (2008, p.32) ressalta sobre o processo de industrialização e o ensino aplicado nas escolas sugerindo “pensarmos de maneira aberta e plausível um novo formato para que as Artes desenvolvam um papel diferenciado no ambiente escolar”, trazendo a responsabilidade para a Indústria elaborar informações conceituais no espírito de arte que proporcionem conhecimentos primordiais no ensino-aprendizagem dos indivíduos pensantes.

Conforme a isso, completa que:

“[...] a arte precisa de ferramentas definitivas, processos precisos, uma técnica exata de controle e objetivo. Mas elevando-se os materiais, a técnica, os meios e os fins externos à região da imaginação pessoal, teremos uma educação que educa não só para as utilizações específicas e as produções, mas para o mais amplo de todos os usos; para a justa apreensão de valores quando e onde este nos sejam apresentados...” (BARBOSA, Ana Mae, 2008, p. 31-32).

Com base a esse pensamento, o ensino das artes começa a ser observado de maneira diferenciada, impulsionando os diversos pensamentos de grandes profissionais atuantes que recebem o auxílio para tornar possível a aplicação nas salas de aula. No Brasil, as artes tiveram apoio pelo movimento da Escola Nova em 1930 quando foram reformulados aspectos pedagógicos. Tal ação já tivera sido concretizada no século XIX na Europa e nos Estados Unidos no intuito de preparar novos métodos que auxiliariam no desenvolvimento processual do ensino-aprendizagem de Professor ao aluno. O novo para muitos significa buscar entender as mudanças da Pedagogia tradicional à Pedagogia Nova e o que nelas irão se beneficiar no saber básico, cultural e crítico.

Nas escolas, ainda se preparava caminhos em que outras vertentes das Artes pudessem adentrar e não só utilizar o desenho por convencimento. Fato que vem permeando há décadas e com o passar dos anos, várias lutas e movimentos se fortaleceram em busca da implantação e permanência das artes no plano pedagógico das escolas em todas as suas vertentes: como artes visuais, teatro, música e dança. Podemos enfatizar essas ações nos livros, simpósios, oficinas, autores e pessoas especiais que estão validando junto aos seus estudos, pesquisas

e obras o que é necessário para se aprender em Arte Educação. Em ponto de vista, Mödinger em obra coletiva publicada pela Edelbra, 2012, ressalva que:

“[...] Abordar as linguagens artísticas no que cada uma tem de particular, (...) apontar possíveis entrelaçamentos que reforcem a concepção de educação como processo que se dá na interação entre os sujeitos e na inter-relação entre diversos campos do saber. (...) cada linguagem tem um modo peculiar de interpretar o mundo e é necessário que nossos alunos aprendam sobre isso, que consigam se identificar com as artes em geral, deixando-se afetar por elas”. (MÖNDINGER, 2012, p. 38)

Compreendemos assim, que os fatores na qual o Ensino das Artes proporciona/proporcionará aos alunos em sala de aula, deve-se verificar ações vigentes que possibilitem ao aprimoramento de cada vertente no seu contexto artístico e rotina social dos sujeitos para que se tenha uma reciprocidade educacional e uma visão multidimensional que, segundo Silva (2015, p.16) a arte está presente diante a esta diversidade de linhas educacionais e o docente presente na instituição de ensino é responsável de passar o conhecimento. “Deve dominar teoricamente e possivelmente pelo menos uma das linguagens citadas anteriormente”, elencando o ser humano como ator principal, aberto para o entendimento e compreensão.

Com as artes, podemos recordar fatos que estão marcados na história do Brasil, reforçando de como a mesma adentrou nas escolas. Muitas pessoas e até mesmo professores não entendiam quais métodos que poderiam usar o ensino das artes para a divulgação do conhecimento artístico. Sendo assim, de maneira conflituosa, em 1971 foi reconhecida após passar inúmeros obstáculos como “atividade educativa” e não disciplina. Mas a partir da Lei de Diretrizes e Base 9.394/96, no período da ditadura militar que o ensino das artes ganha outro conceito passando de atividade lazer para compor obrigatoriamente a função educacional em todo o território brasileiro com as vertentes: artes visuais, música, teatro e dança. O intuito de agregar os valores tradicionais com a arte-educação teve uma mudança radical quantos aos métodos de ensino.

Seguindo as informações descritas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's, 1997, p. 20), essas mudanças foram identificadas no saber das crianças e adolescentes na qual se reconheceu “princípios de manifestação espontânea desses sujeitos que vieram a somar com outras ciências, onde teve valorização da livre expressão e sensibilidade”, a descoberta de potencialidades criativas capazes de

nutrir o desenvolvimento intelectual dos alunos. Todo esse arcabouço demonstrou novos modelos, novas fases, considerado um avanço no meio educacional. Porém, a qualificação dos profissionais da educação para a modalidade do ensino das artes era precária. Muitos professores não estavam aptos a desenvolver um percurso pedagógico na polivalência e tiveram que passar por qualificações, estudos e pesquisas aprendendo de maneira geral. Um efeito radical que segundo o pensamento de ALMEIDA apud FERREIRA em publicação coletiva entende que:

Numa proposta pedagógica é, em si, adequada a toda e qualquer situação de ensino e aprendizagem. Para poder ser colocada em prática, ela necessita ser apropriada pelo professor, ser reconstruída, precisa fazer sentido para ele e para os alunos. Propostas aplicadas mecanicamente, como se fosse receitas – mera reprodução do que expõe –, estão fadadas ao fracasso. Para aplicar uma proposta, o professor precisa compreendê-la em seus objetivos, conteúdo e processos de desenvolvimento e avaliação. Ela precisa, ainda, ser adequada aos alunos, a fim de que não se transforme num exercício mecânico desprovido de sentido. (ALMEIDA apud FERREIRA, 2012, p.33).

Eventualmente, a criação de cursos nas universidades federais e estaduais veio compor significativamente o cenário educacional no Brasil, dando possibilidades aos professores refletirem suas concepções e metodologias, saindo do comodismo para prática dinâmica em sala de aula, a interação com os alunos, materiais didáticos e as formas de manuseios dos mesmos, organizando-se no espaço e tempo para se chegar ao modo avaliativo. Uma realidade totalmente vista de outras formas no âmbito escolar com as dificuldades que os professores enfrentam no seu dia-a-dia, percebendo a falta de todos esses elementos supracitados anteriormente, não tendo meios que favoreçam uma atividade lúdica, crítica e sensível com os alunos.

Vale ressaltar que, nem todas as melhores condições concedidas ao professor recebem uma qualidade recíproca aos alunos, varia a cada profissional. Desse modo, podemos citar a estrutura das escolas particulares para as públicas mostrando meios que auxiliam na capacitação dos sujeitos no processo de ensino-aprendizagem, onde a variação de técnicas pode ser sugerida com mais qualidade na utilização de inúmeros elementos metodológicos. Todavia, mesmo com a precariedade de materiais, os professores nas escolas públicas se posicionam diferente nesses casos e conseguem observar como expectador trabalhos

excelentes na simplicidade de material sucateados com uma qualidade excepcional, aguçando a criatividade dos alunos.

Esse processo é descrito por Möndinger (2012, p.46) como um destaque na disciplina de artes, tendo a “interação idealizada no eixo central de produção”, na perspectiva de direcionar o modelo de criação artística sintetizada e concreta, dando ênfase a diferenciar o ato criativo do ‘fazer qualquer coisa.

A criatividade no mundo das Artes pode ser vivenciada em todos os aspectos educacionais e por sua vez, culturais. Um modelo técnico é proposto a adequar assuntos pertinentes na visão dos jovens que estarão aptos a receber informações, mobilizar a sua imaginação, sensibilidade e criticidade na busca de conhecer fatores sociais inquietantes em grandes obras ou até mesmo na sua própria cultura. O tema cultura popular, reflete um cenário autêntico de identificação do indivíduo no seu espaço e tempo, procurando interagir de todas as formas as mínimas modificações que passam de geração em geração.

Acreditamos que a cultura popular somada no ensino regular, mesmo indefinida pelos indivíduos pensantes, contribui para esse progresso e expansão cultural e social de interação na parte educacional com o seu cotidiano. Ressaltamos que no Brasil, somos aculturados numa visão complementar de um povo, mas que cada parte ou região, produz a sua essência e importância diante de uma sociedade.

Através disso, a educação e cultura sempre foram funções essenciais nesse processo educacional. Boaventura (2009, p. 255) explica essa união como “via de mão dupla”, refina momentos expressos de uma ação favorecida de dentro para fora e de fora para dentro, possível de identificar, dando como exemplo o Vocabulário advindo da cidade metropolitana para o interior e do interior para o meio urbano, ambas merecendo respeito social pelas modificações ocorridas e as que permanecem ativas sem influências outrora. E ressalta que:

No relacionamento das duas funções sociais, Cultura e Educação administrativamente sempre estiveram juntas (Ministério da Educação e da Cultura, Secretaria da Educação e da Cultura). Educação pode ser entendida como um processo, a saber, pedagógico, político e psicológico, o processo ensino-aprendizagem; enquanto a cultura possibilita ser vista como produto que vai sedimentando o conhecimento adquirido e que, por sua vez, retroalimenta a percepção educativa pelos valores, objetivos e modos de ser via currículo. (BOAVENTURA, 2009, p. 256)

Desse modo, percebemos o valor que a educação como realização cultural favorece aos indivíduos pensantes e implica na questão ser decorrente do processo cultural, visando ser formadora da identidade comunitária. No intuito de acompanhar, contribuir e conceder a formação de um povo na sociedade; compartilhar possibilidades dos indivíduos desenvolverem suas características criativas; tornar-se referência, mantendo as raízes das culturas comunitárias e potencialidades de cada um. Em relevância a temática de buscar um entendimento e valorização do meio cultural na educação, aderindo esse processo de adequação junto ao currículo escolar dando um olhar diferenciado nas práticas possíveis de se trabalhar em sala de aula e procurar interagir com os sujeitos, saber questões de melhorias na didática e metodologias abordadas diariamente na introdução de conhecimentos dos jovens, assim como Cunhantã 1 destaca que:

Eu acho super interessante que tenha esse tipo de atividade na escola, porque também é importante aprendermos sobre nossa cultura e também executar ela. Devemos ter aprendizado de tudo, muitas pessoas podem até pensar que não vai levar a nada, mas como moramos na região, claro que é essencial. Gostaria muito de me aprofundar mais nesse assunto. (CUNHANTÃ 1, Entrevistada/2018)

Seguindo esse pensamento, podemos expressar que ao entrar num contexto de cultura popular vista no processo de ensino – aprendizagem em sala de aula encontrarão algumas indagações peculiares e não tão erradas e nem tão certas, pois o ocorrido acontece até mesmo com grandes escritores pesquisadores da área como o de pensar na distinção de estar aplicando folclore ao invés de cultura popular ou cultura de massas nas atividades educacionais. Essa prática para alguns é considerada normal podendo ser visualizadas como informações nos livros didáticos que envolvam arte e cultura ou por inúmeros fatores que a crença de uma sociedade instaura no seu meio interacional e histórico, perpassando momentos até chegar aos dias atuais. Dando prosseguimento a esses pensamentos, vemos também a definição de cultura popular como tradição de uma sociedade, delimitando um cenário passado como algo vigente ao período atual sem determinar as modificações que com o passar dos tempos suas concepções e práticas se modificam não podendo ser compreendidas, na qual, segundo Arantes em sua obra *O que é Cultura Popular*, destaca que:

Procurando-se “reproduzir” objetos e práticas supostamente cristalizados no tempo e no espaço, acaba-se por “produzir” versões modificadas, no mais das vezes esquemáticas, estereotipadas e, sobretudo, inverossímeis (aos

olhos dos produtores originais) dos eventos culturais com o quais se pretende construir o patrimônio de todos. Embora se procure ser fiel à “tradição”, ao “passado”, é impossível deixar de agregar novos significados e conotações ao que se tenta reconstruir. Isso é inevitável, porque a própria reconstituição é informada por e é parte de uma reflexão sobre a história da cultura e da arte que, em grande medida, escapa aos produtores “populares” da cultura. (ARANTES, 1990, p. 19)

Nesse sentido, a ideia da tradição cultural refere-se aos limites dos sujeitos e os legados consequentemente recebidos e que fazem sentidos nas vivências nos dias atuais. Tudo o que vivenciamos está de algum modo se manifestando de forma oculta. Não se pode parar no tempo e ser meras repetições do passado, mesmo que ele já esteja eternizado no corpo e mente, nem congelar uma cultura e sim superá-la. É impossível reproduzir a originalidade sem dar um toque contemporâneo do seu próprio tempo. Nessa perspectiva primorosa de inserção da cultura popular no âmbito escolar observamos a sociedade que busca a valorização de identificação social e cultural de maneira assistida a começar pela nossa história e a aplicação dela no ensino educacional, em relato Cunhantã 2 revela que:

A História, esta e assim por diante, é algo que pode ser facilmente esquecida, ainda mais por se tratar de uma história regional, que retrata aquilo que a nossa região é por diversas vezes. Se trata de um vasto legado que deve ser passado de forma concreta e quanto mais pessoas souberem mais cuidado teremos com esse legado. É sim importante estudarmos e aprendermos sobre a nossa cultura. (CUNHANTÃ 2, Entrevistada/2018)

Dando ênfase a esses ideais, podemos verificar que existem dicotomias impróprias na qual a cultura popular é referenciada, gerando uma delimitação não obstante ao correto de divulgá-la, pois sabemos que a cultura é complexa em seu entendimento e mencionar fatores onde os livros e manuais aprovados em lei não forem baseados culturalmente, o intuito se considera apenas como informação e não foco de ensino – aprendizagem. Assim, observamos meios em que a escola se posiciona ao universo dos alunos, utilizando a cultura letrada, instrumento formal de conhecimento dentro de definições cultas, privilegiadas, prestigiadas, realizadas por grandes autores, e a cultura que na qual os professores em sala de aula devem se atentar naquilo que é favorável no cotidiano dos sujeitos referentes à sua regionalidade, refletindo na reciprocidade em inserir ideais e respeitar o ambiente que os alunos trazem para a sala de aula.

Essas informações estão inseridas igualmente no processo de letramento ou práticas iniciadas pela escrita ou oralidade. Todos sabem o valor de mencionar sobre a cultura popular na escola e os benefícios educacionais que a mesma

contribui para o crescimento intelectual dos sujeitos, porém não se tem o costume de ver a realização na prática no cenário onde a realidade destoa para se aplicar em sala de aula uma educação de qualidade e com uma gama de conhecimento sobre a própria identidade cultural.

Formar alunos críticos à cultura popular requer apresentar a eles complementos essenciais sobre a diversidade e a interdisciplinaridade das áreas de conhecimento, dando espaços onde os sujeitos possam opinar, fazer, saber, querer e buscar a educação em qualquer lugar, seja no ambiente escolar, no seu meio familiar ou interagindo em sociedade. A cultura popular na escola inicia quando a instituição recebe os alunos de diferentes classes, religiões, cor ou raças, respeita suas diversidades, aprende com cada um através de suas experiências e vivências nos seus espaços e reflete significados que irão construir essa educação cultural.

Dando créditos a esse saber cultural de todos os indivíduos, devemos pensar em ampliar a definição de cultura popular na escolar, atribuindo discursos dinâmicos para desenvolver o que se tornou complexo sobre os tipos de cultura, abrindo espaços onde os jovens possam inserir modelos de recepção do conhecimento e se inserir interagindo com os outros sujeitos da mesma turma nesse processo de ensino-aprendizagem. Em busca da valorização cultural, Curumim 1 relata que:

Acho que precisa ser valorizada, sim, nas escolas, isso e de qualquer região do país, para termos um exemplo de cultura a seguir e ajudando a construir até um fundo de economia no estado. A cultura deve ser preservada para não perdermos a personalidade do nosso estado. Nas escolas, deveria ser mais conhecida a cultura de todos os estados e regiões do país. (CURUMIM 1, Entrevistado/2018).

Segundo Arantes (1990, p. 26) “a cultura popular se constrói com essa diversidade multicultural e histórica existente, desenvolvendo um papel fundamental na compreensão dos indivíduos, oficializando como lugar privilegiado da cultura”, articulando como núcleo de identidade dos vários grupos sociais, mas que os diferencia por seus comportamentos. E ainda sustenta seu posicionamento percebendo que:

Desse modo, interpretar o significado das culturas implica em reconstituir, em sua totalidade, o modo como os grupos se representam as relações sociais que os definem enquanto tais, na sua estruturação interna e nas suas relações com outros grupos e com a natureza, nos termos e a partir dos critérios de racionalidade desse grupo. (ARANTES, 1990, p.34-35).

Vimos então possíveis meios de inserção da cultura popular na escola, através do Ensino das Artes e os tipos de discursos que poderemos receber segundo os ideais dos sujeitos da pesquisa. Porém, devemos salientar o pensamento individual e propor um diálogo acessível para compartilhar a informação, aceitar e receber a reação dos indivíduos de forma crítica e precursora sobre a temática, rever a didática e metodologias aplicadas para esse repasse de ensino e verificar as indagações possibilitando um novo recomeço. Com isso, podem surgir discursos contraditórios referentes à inserção da cultura popular ou qualquer ensinamento atribuído à disciplina de Artes. Partindo dessa premissa, devemos procurar receber as críticas tornando-as construtivas e aceitar as modificações que serão sujeitas a análises pelos discursos solicitados aos jovens, procurando entender o que realmente o ensino das Artes pode beneficiar através de sua história e de suas vertentes. Nesse modo, Cunhantã 3 em relato sobre a inserção da cultura popular na escola através do ensino das Artes, afirma sua posição e analisa que:

Não, eu acho isso muito banal, devemos aprender, claro que sim, mas não profundamente, pois Artes é uma matéria na qual podemos aprender várias coisas antigas e bem mais interessantes que isso, poderia ser deixado em segundo plano. É sim importante saber sobre certas coisas, mas não necessariamente tudo, tem mais coisas na cultura, além disso. (CUNHANTÃ 3, Entrevistado/2018).

Construindo esse caminho de ideias e ideais em que a cultura popular está inserida, podemos observar que os jovens nos dias de hoje tem um objetivo interacional daquilo que lhes podem assegurar um entendimento simples e geral de conhecimento, seja nas ciências exatas, humana, políticas, sociais ou culturais. Porém, ainda percebemos as dificuldades enfrentadas nos dias atuais, onde a tecnologia facilita o acesso de informações precisas aos alunos e muitas vezes se tornam mecânicas, refletindo no que Cunhantã 4 denota sobre as atividades que podem ou não ser desenvolvida em sala de aula, revelando que:

Na minha opinião não é tão importante, porém é sempre bom saber um pouco mais de nossa cultura e etc. Na prática não temos quase nada sobre esse assunto, mas também a maioria dos alunos acham que isso é uma coisa banal, e não gostariam de uma aula só sobre esse assunto. O que o professor ensinou pode ser válido, porém vai de cada um se acha válido ou não, pois eu acho que não precisa ter uma aula específica para isso, pois se as pessoas tiverem o interesse de saber mais sobre nossa cultura elas podem pesquisar, pois não é do agrado de todos. (CUNHANTÃ 4, Entrevistada/2018).

Referente a esses discursos, vimos os caminhos onde o ensino da cultura popular tem seus entendimentos, porém os indivíduos se bloqueiam sobre o conhecimento possível que podem se beneficiar e colocam seus ideais a frente e com posicionamentos válidos nesse processo de transição, percepção e adequação da aprendizagem. Podemos exemplificar que o uso da cultura popular nas escolas sempre foi utilizado de maneira festiva, brincadeiras, histórias e estórias, usos coloquiais ao sistema de interação social na sociedade, prática com teoria simples e perpassada em planos definidos e repetidos no desenvolvimento pedagógico. Informações divididas entre cultura e folclore, usadas apenas em datas comemorativas e asseguradas ao plano pedagógico instaurado pela escola. Esses fatores não só pode ser trabalhado pedagogicamente como também ser valorizados, assim como Freire (2005) relata que:

O meu respeito da identidade cultural do outro exige de mim que eu não pretenda impor ao outro uma forma de ser minha cultura, que tem outros cursos, mas também o meu respeito não impõe negar ao outro o que a curiosidade do outro e o que ele quer saber mais daquilo que sua cultura propõe. (FREIRE, 2005, p. 83).

Ressalvamos esse fato, de que, o professor no ensino das artes pode ou não ser o transmissor dessa temática aos alunos. Porém verificamos sim as diversas oportunidades de reinventar uma didática transformadora que pudesse alcançar esses sujeitos a descobrirem fatos da sua identidade cultural e não solicitar que aprendam sobre a cultura popular obrigatoriamente e sim para complementar o conhecimento adquirido em sala de aula.

2.2 – A CULTURA AMAZÔNICA E SUA INSERÇÃO NO CURRÍCULO DAS ESCOLAS DE MANAUS

A cultura amazônica nos apresenta uma centralização rica de valores importantes que formam a sociedade nortista. Cultura essa repleta de grandes histórias, representatividades, domínios sócio-políticos e educacionais, vivências extraordinárias que vem se transformando ao longo do tempo, desde o encontro do branco português, os negros subordinados na escravatura do poderio elítico dessa burguesia e os índios nativos, donos dessa terra. As influências trazidas pelos

européus instauraram um novo momento no cotidiano dos nativos, na qual os mesmos lutaram pela sua própria existência nas mudanças bruscas instaladas em seu território, atingindo o meio social e cultural desse povo. As mudanças não só envolveram o racional e emocional dos nativos, como elevaram confrontos na inserção de novas regras, novas crenças, métodos de trabalho, hábitos alimentares e com o rompimento do equilíbrio ecológico tão preservado pelos ameríndios. No entanto, todavia, os europeus, em referências aos missionários, trouxeram a esse povo um complexo intelectual de um simples saber para formalizar uma boa comunicação com os indígenas e procurar se apoderar das terras em troca de todo o conhecimento jesuítico. Apesar de que, esse conhecimento passaria a tratar os nativos de escravos desse novo sistema europeu e os mesmos ainda não totalmente aceitariam a inclusão no seu cotidiano. Pois os ameríndios entendem que a natureza os alimenta, os protege, cura e preserva-os de todos os males existentes no mundo e não necessitam fazer esforços maiores, devido a sua crença e bênçãos recebidas por Tupã¹².

Em destaque a essas mudanças ocorridas nesse encontro cultural e social, Batista (2003, p.160) se posiciona ao retratar sobre a inserção das novas maneiras junto ao povo ameríndio como um “complexo que compreende os acontecimentos e engloba as aquisições funcionais desses nativos como construção na qualidade de membro de sua sociedade”, verificando que os europeus foram fundamentais nesse processo de socialização humana, nos relatando que:

[...] Trouxe também uma língua estruturada e que se difundiu pela colônia portuguesa da América, contribuindo, decisivamente, para a unidade do Brasil, e que substituiu, na Amazônia, paulatinamente, os mil e um dialetos monossilábicos usados pelos índios. No período colonial, esses dialetos ficaram reduzidos ao *tupi*, *nheengatu* ou *língua geral*, que chegou a ser falado predominantemente no vale, até meados do século 18, quando os missionários foram obrigados a ensinar o português (Arthur C.F. Rei, 1958; Jarbas G. Passarinho, 1971:9). (BATISTA, 2003, p. 161-162).

Sabemos que na história, esta e assim por diante, os indígenas sofreram uma dizimação crucial por serem combatentes ao novo poderio e mesmo com a catequização, não se permitiram a serem comandados pelos europeus, afinal, não se pode aculturar um povo de uma hora para a outra e muito menos forçar para que

¹² Tupã (do tupi-guarani tu'pa ou tu'pana) é um nome de origem mitológica indígena, que significa na língua tupi “o trovão”.

o imediato aconteça. Um processo de transculturação ¹³remetida às influências permitidas bruscamente, como explica Lomba, 1998 apud Barzotto, 2011 em seu discurso, retrata que:

Uma nova organização social é, talvez, o tópico mais afetado, modificado e temido na zona de contato¹⁴, pois o imperialismo são sempre penoso para aqueles que por eles são subjugados. Um vez que as relações de dominação e subordinação são estabelecidas pelos opressores estrangeiros, enfrentando os oprimidos no próprio território, muitas vezes, na tentativa de nivelar a própria sociedade, os indivíduos podem ser 'reformulados' para sempre, material e ideologicamente falando. (Lomba, 1998 apud BARZOTTO, 2011, p.35).

A dizimação dos indígenas ainda é vivenciada nos dias de hoje, não com grande frequência, mas em número significativo na nossa história. Num contexto de glória dos nativos, vimos então o corrido no ano de 1717, onde o Tuxaua dos Manaós e chefe das tribos federadas do rio Negro, Ajuricaba, em defesa de seu povo, proclamam a revolta e é aprisionado em meio a outros que o auxiliaram na rebelião. Enquanto preparavam sua morte, conseguiu soltar-se das armadilhas elaboradas e mergulhou nas águas, levado pela correnteza para o fundo dos rios Negro e Solimões, conhecido como Encontro das águas. Seu ato de bravura foi reconhecido e simbolicamente é utilizado em vários lugares como inspiração nativa no Amazonas. Na morte de Ajuricaba, os indígenas acreditam em seres mitológicos e definem que o mesmo tenha sido abraçado por Dinahy ¹⁵, uma índia valente e guerreira Manaó, que também foi aprisionada, violentada, amarrada pelas mãos e pés, jogada no encontro das águas a mando de seu pai, mas seu corpo fora recebido pelos espíritos e pelos peixes, onde permanece encantada no fundo das águas, onde se torna mãe d'água com cauda de peixe e de cabelos tão escuros e que também se apresenta na forma de uma grande serpente de olhos de fogo. Junto a Ajuricaba, estão adormecidos protegendo aquele lugar esperando para despertarem.

¹³ Transculturação: termo cunhado, por volta de 1940, pelo sociólogo cubano Fernando Ortiz e tem sido usado em contextos pós-colônias para descrever encontros entre diferentes culturas; nesse caso, entre ameríndios e europeus. (BARZOTTO, 2011, p. 35)

¹⁴ Zona de contato: é o local onde "culturas diferentes se encontram, lutam, interagem, frequentemente através de relacionamentos altamente assimétricos de dominação e de subordinação". (PRATT, 1992 apud BARZOTTO, 2011, p. 35).

¹⁵ Dinahi: Índia Manaó, figura lendária chamada Mãe D'água, podendo ser definida como sereia ou a temível cobra grande protetora dos lagos, rios e igarapés. Filha de Kauna, por demonstrar ser muito valente e guerreira é alvo de inveja de seus dois irmãos e sentindo a ameaça, os mata e foge até ser capturada e jogada no Encontro das Águas – Rio Negro e Solimões. (<http://mitoslendasouerdade.blogspot.com/>, Último acesso: 22/11/2018 – 10:55)

Outro fato lembrado na história cultural da Amazônia em decorrência das grandes lutas de preservação indígenas é o ocorrido no período de 1835 a 1839, a Cabanagem. Foram anos de guerras por territórios que dividiam Manaus e Belém, severamente muito sangue derramado pela subordinação sofrida e com esforços fora interrompida quando os índios e caboclos se uniram e juntos lutaram bravamente contra o português colonizador e a sua nova ordem de independência instaurada na Amazônia. Dividindo as capitânicas e instituindo o título de província ao Amazonas Esse início de civilização na Amazônia nos remete a reconhecer que esses povos são importantes a sociedade, pois tudo o que é vivenciado nos dias de hoje, tiveram ensinamentos dos nativos como Djalma relata que:

Os diversos povos que, nos primeiros séculos, procuraram dominar a Amazônia nada teriam conseguido sem recorrer à aliança do índio, que tinha a sabedoria da terra. Era ele que conhecia onde estava e como conseguir o alimento, movimentava-se ubás pela superfície das águas (e a água é um componente decisivo da natureza); colhia e sabia onde estava a especiaria com que os europeus abriram os olhos e a cupidez sobre a nova terra; e era a grande esperança do braço para as lavouras, cedo trazidas com a introdução de espécies exóticas como a cana de açúcar e o fumo. O gentio se aliou, negociou ou reagiu, até ensinar os segredos reveladores da Amazônia. (DJALMA, 2003, p.164-165)

Nesse contexto, reconhecemos o processo civilizatório dos europeus para com os indígenas, observando as mudanças que a partir de então seriam um marco para a história desses povos, ao ponto de ser linear com a migração forçadamente aceita que identificaria outros indivíduos como integrantes dessa mesma terra. Com isso, percebendo o povoamento crescente nas terras Amazônicas, a aculturação é vivenciada até os dias de hoje, podendo ser vistas através de áreas compartilhadas numa vida rural, urbana, metropolitana, disputas de classes sociais, problemas sociais e ambientais, exploração de recursos naturais e minerais que se instauram por pesquisas científicas, produções industriais, a plantação e colheita para exportação universal, sendo uma Amazônia de grandes valores e que mesmo assim se reproduz com o lado folclórico, mítico e lendário. Podemos acreditar que existe inúmeras “amazônias” na própria Amazônia.

Refletindo esses fatores, concordamos então que na Amazônia existem outras culturas e nelas advindo dos muitos povos que migraram e imigraram para ter um espaço e se tornar parte da sociedade notória de hoje. Povos que trouxeram os mestiços e caboclos e formaram o nosso conhecido ribeirão da várzea e da zona rural com aspectos sociais e econômicos diferentes daqueles que vivem na cidade

grande. Com o vocabulário estranho para muitos e respeitado por grande maioria, afinal, os europeus trouxeram uma vida de riquezas, casas que puderam crescer de alvenarias, prédios e lugares para uma classe de requinte na época apreciar até os tempos áureos da borracha. Porém, as heranças indígenas de preservar a natureza e dela se alimentar ficaram pela responsabilidade daqueles que ainda habitam distante de uma civilização corriqueira, em casas de palha, madeira e assoalhos, em terras onde acontece o fenômeno das terras caídas, e que produzem seus frutos, farinhas, beju, tucupi, tapioca¹⁶, artesanatos para vender a essas pessoas que vivem na cidade grande em troca do pão de cada dia. Um povo que vive em função do meio agrícola, extrativista, pastoril, mineradora e também se alimenta da pesca e sabe o momento de aguardar passar o período do seguro defeso, época em que a piracema é imposta pela natureza e os rios detêm o poder do tempo para a normalidade estabelecer. O povo amazônida é reconhecido como povo preguiçoso, acomodado por viver nessas condições vistas atualmente. Isso tudo recebida como herança dos indígenas antes da civilização, na qual usufruíram da natureza e quando a mesma não dava o alimento e outras especiarias, em conjunto de sua tribo procuravam novos territórios. Diferente nos dias de hoje, onde os caboclos aprenderam a plantar, semear, colher e progredir.

Muitos são os apontamentos definidos como características da Cultura Amazônica e a sua inserção no currículo escolar. Além de priorizar, prosseguimos com o respeito mútuo pela longa e conflituosa história dos povos indígenas, caboclos e mestiços. Uma miscigenação regada de glórias e derrotas no seu meio social, político e cultural, na qual a escola através do educador visa demonstrar a realidade que a nossa sociedade ribeirinha é capaz de continuar crescente, mesmo que suas raízes tradicionais ou originárias tenham passados por mudanças desde o início até chegar ao mundo das tecnologias.

Fazer da cultura amazônica um meio de conhecimento no âmbito escolar, segundo Oliveira e Santos, no seu artigo publicado na 30ª Reunião Anual da Anped (2007, p.2) cita inserir nos “saberes que envolvem a arte, a religiosidade, os costumes e valores da cultura amazônica, possíveis debates na formação e da prática de educação popular na construção de novas diretrizes e dinâmicas educativas, priorizando a cultura local”. Com isso observamos a importância que

¹⁶ Produtos feitos gastronomicamente extraídos da Mandioca

independentemente dos povos e as várias culturas existentes, os estudos sobre as mesmas, busca interagir com um todo da sociedade dando ênfase à formalização do próprio encontro de sua identidade cultural através do processo de ensino-aprendizagem. E ainda permitir conhecer uma riqueza tão ampla de conhecimento e de como ela pode enriquecer o processo educacional, visando construir e partilhar informações pertinentes que vigorarão de geração a geração.

Podemos então permitir no âmbito educacional, meios que facilitem a inserção da cultura amazônica no ensino regular, mostrando relatar que a mesma foi desenvolvida conforme é explorada a região. E que busca na educação escolar repassar tais métodos nas informações dos mitos, lendas, histórias e estórias contadas pelos ribeirinhos, caboclos amazônica, na função estética de representar artisticamente a reprodução de um cotidiano popular ou regional. Isso ganha relevâncias na fala de Loureiro, 1995 apud Veras, 2012, que contribui o ensinamento caboclo na forma de manter e valorizar a história, relatando que:

A identidade da cultura cabocla, como ocorre também com relação a outras culturas, tem a ver com os registros de determinadas matrizes do pensamento e de comportamento que estão secularmente registrados na memória social dos grupos humanos e que gozam da condição de durabilidade e persistência do tempo; constituem-se nos elementos fundadores da cultura e, ao mesmo tempo, nos elementos que acabam por conferir-lhe força e peculiaridade. E é justamente graças a essa força interior, de origem mais secular, que os caboclos das cidades ainda conservam traços fundamentais da sua cultura. (LOUREIRO, 1955, p. 37 apud VERAS, 2012, p.71).

Em relevância a esse momento em que a cultura amazônica passa a ser um dos meios de repasse de conhecimento na escola, citamos as formas de como ela nos permite chegar a criticidade dos jovens do ensino médio e como priorizaremos esse ensino sem deixá-lo inconsistente, fadado e sem discurso inexistente, mas que prenda a atenção desses sujeitos. Sabemos que as Artes possibilitam esse acesso educacional de maneira prazerosa e identificar métodos usando a interdisciplinaridade da própria arte, pode favorecer que esse processo de ensino-aprendizagem seja repleto de contextos e práticas bem elaboradas, com resultados apresentados significativamente.

A interdisciplinaridade da arte com suas vertentes nos transmite trabalhar um novo, sem se referenciar nos fatos passados ativamente ou seguir concepções inativas que privilegiem um aluno e sim o grupo de sujeitos presentes em sala de aula. Não podemos deixar defasado o pensamento das atividades em artes se

tornarem apenas uma forma de ilustrar o conhecimento, devemos inserir no imaginário do sujeito até alcançar a criticidade do mesmo sobre as temáticas abordadas e dialogar no campo de forma assertiva, sem menosprezar caminhos que a educação percorre e nos faz aprender amplamente.

Podemos ver essa sinalização nas falas de Freire (1996) apud Möndiger (2012, p. 50) que indaga a noção em que o “conhecimento se transforma e que devemos começar a impor uma reflexão ou a busca de significação pessoal”, para que não depositemos conteúdos aos alunos e os mesmos descartarem da memória sem dar a devida importância.

Pensando nessa inserção, incluir a Dança nesse processo de ensino-aprendizagem se firma no meio educacional para alcançarmos o objetivo de nossa pesquisa e ela ir interdisciplinarizando com as outras vertentes, para somar com o aprendizado dos sujeitos. Levando em consideração o papel principal da interdisciplinaridade, Möndiger, informa que:

Um trabalho interdisciplinar pode ter sua origem em uma situação instigante ou mesmo conflitante da realidade escolar e exige esforço geral dos professores de diferentes disciplinas – principalmente diálogos, estudo e reuniões fora da sala de aula – para que exista inter- relação de conteúdos específicos e abertura de espaço para conexões interdisciplinares. Não queremos mais um saber segmentado ou meramente escolar, que não faz sentido fora da escola, que não faz sentido para o aluno. Queremos saberes que nos ajudem a conhecer e interpretar a complexidade, a entender as mazelas e a apreciar as belezas do mundo em que vivemos. (MÖNDIGER, 2012, p. 51).

Portanto, a Dança recebe uma função principal de inserção da cultura amazônica de maneira dinâmica e assertiva no cotidiano regular dos jovens do ensino médio em sala de aula. Com uma proposta definida por Marques (2010, p. 14) de “apoia-se na possibilidade e na necessidade de problematizar, articular, criticar e transformar as relações multifacetadas e não hierárquicas entre a arte, o ensino e a sociedade”. Na qual podemos referir-se a Dança nos espaços educacionais como proposta incentivadora, podendo ser apreciada, lida, re – lida , ensinada, aprendida e dançada. E ainda nos apresenta como proposta metodológica o relacionamento entre arte – ensino – sociedade, um tripé, desenvolvido no intuito de exemplificar a importância de se trabalhar a Dança no contexto escolar e define que:

Esse tripé se desdobra em outros múltiplos tripés de saberes, possibilitando diálogos, polissemias e polifonias nas práticas de ensino e aprendizagem

da dança. Se queremos educar leitores de dança/mundo capazes de construir, reverter, impregnar de sentidos seus atos cotidianos, não podemos prescindir de processos de ensino e aprendizagem de dança que já tenham entrelaçados em suas próprias propostas metodológicas a formação intencional dessas redes de relações. (MARQUES, 2010, p. 144-145).

A partir desse pensamento, divulgamos a dança como diversidade cultural que abrange conhecimentos históricos, didáticos e científicos incluindo em seu meio, todas as formas e movimentações que o corpo pode usar para se comunicar, numa linguagem expressiva que surge desde o início da existência do homem até os dias atuais. No contexto social e escolar, a dança além de promover uma gama de conhecimentos, incentiva a sociedade a ter uma sensibilidade artística e cultural, valoriza a originalidade, respeita os costumes e tradições de um povo e abre espaços para interação entre eles. Com base a essas informações, num contexto interdisciplinar, praticamos essa vertente no intuito de agregar a cultura popular amazônica no cotidiano dos sujeitos.

3- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quanto aos aspectos metodológicos, esta pesquisa segue a corrente de cunho qualitativo que segundo MINAYO (2001) no intuito de resgatar a tradição de uma das culturas folclóricas regionais do Amazonas “visa às experiências humanas que serão responsáveis pela formação das ideias compartilhadas como todo o tipo de conhecimento adquirido, sendo esse composto por um universo de significados e valores para a pesquisa”.

Compreendendo que os meios das culturas populares e folclóricos tenham uma amplitude considerável para ser desenvolvida em sala de aula, utilizamos o meio exploratório que segundo Gil (2007) “proporcionaria uma familiaridade em torno do objeto de estudo, buscando tornar mais transparente e acessível às informações coletadas através dos processos realizados com o público alvo da pesquisa”. Podendo obter a percepção sobre a criticidade de cada jovem nos assuntos artísticos abordados no âmbito educacional, promovendo uma grande satisfação no saber da realidade social e cultural no nosso Estado do Amazonas.

Remetendo todo esse arcabouço de conhecimento e transportando-o para outras áreas educacionais através da dança, Fonseca (2002) nos faz acreditar nas possibilidades de buscar concretizar apoios e estímulos de aprendizagem recorrendo à pesquisa de campo, podendo utilizar recursos midiáticos, bibliográficos, edições em revistas, entrevistas informais tanto para obter solução do problema quanto a resolução e progresso assistido, elaboração dinâmica de atividades e outros caminhos que aproximem uma interação de todos os envolvidos na pesquisa, fazendo ser diferente o processo de absorção de conhecimento por esses meios que só vem a somar no enriquecimento de nossa pesquisa. Desse modo, tivemos o apoio pedagógico da escola e professora responsável em sala de aula, para aplicarmos de forma linear os processos que pudessem atingir o objetivo dessa pesquisa ao nosso público alvo. Observamos os espaços físicos, materiais didáticos explorados, elementos que auxiliassem o repasse das informações nos assuntos programados com coesão e coerência.

Dando ênfase para a busca do reconhecimento cultural por meio da pesquisa-ação, segundo a definição de Thiollent (1985) é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação

ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos do modo cooperativo ou participativo. Desse modo, mostramos aos alunos a arte do boi-bumbá de Parintins, no intuito de engajar no processo ensino-aprendizagem desses jovens a dança como transmissora de informação dos conhecimentos regionais e folclóricos vivenciados todos os dias nos meios urbanos e rurais no Amazonas. Promovemos na prática, meios que facilitaram a aprendizagem dos alunos, com a interdisciplinaridade de outras áreas das artes para trabalhar o sentido cognitivo de cada um deles, na qual usamos como ponto chave a Dramatização do Auto do Boi, com um novo modelo de atuação idealizado pelos jovens através dos estudos teoricamente explanados em sala de aula, com o pensamento crítico em recriar e valorizar a cultura popular regional de Parintins, fonte viva considerada patrimônio cultural de nosso Estado do Amazonas pelo Brasil e no mundo.

Formalizando as práticas e desenvolvendo um projeto a ser apresentado, vimos a necessidade de buscar conhecer mais sobre o *Boi – Bumbá de Parintins*, com isso, colocamos a principal plataforma de divulgação dessa cultura para auxiliar no processo de criação do auto do boi através da música. Na música o ritmo, segundo Abreu e Franco (2004) “é determinado pela melodia que pode ter variações lentas, moderado, rápidas, vibrações, estímulos, a letra e o tema das canções e que deram outras possibilidades na execução dos inúmeros movimentos utilizados na dança do Boi-Bumbá”. Com um olhar mais sensível durante as aulas de artes ministradas, aprimoramos suas habilidades corporais e mentais, incentivamos os alunos a se interessarem por esse assunto de forma prazerosa sem compromisso com técnicas, no intuito apenas de não permitir desaparecer um histórico folclórico cultural que deu identidade e reconhecimento local, nacional e mundial de uma população mestiça do Amazonas.

Para isso, a vivência assistida foi perpassada aos alunos através da pesquisa participante, de modo que, adentramos no âmbito escolar dos alunos. Tivemos o contato direto com duas turmas de 1º do Ensino Médio, 1º I e 1º II, do turno vespertino do Colégio Dom Pedro II, totalizando aproximadamente 90 jovens, com faixa etária de 14 a 16 anos, que demonstraram interesse e grande parte curiosidade sobre o tema abordado. A partir daí, colocamos em prática a busca de associar a cultura popular regional dentro das aulas de artes para descrever os resultados dessa inserção, recorrendo as palavras de Fals Borba (1983) que, de

acordo com ele, usamos esse tipo de pesquisa quando corresponde às necessidades de populações que compreendem as classes mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas e incentiva o desenvolvimento independente de absorção de conhecimentos formal e informal de cada indivíduo. E enriquecemos esse conceito com a palavra de Creswell (2007) na qual faz uma interação relatando a importância dessa técnica, estabelecendo observações em vários aspectos de investigação analisados antes, durante e depois da introdução do projeto na escola com os alunos e professores da disciplina de artes, focos da pesquisa.

3.1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA, COMUNIDADE E PERFIL DOS ALUNOS.

O Colégio Amazonense Dom Pedro II, localizado no Centro, na Cidade de Manaus, na Avenida Sete de Setembro, s/N – Cep 69.005.141, telefone (092) 36333920, fundado em 14 de Março de 1869 pelo ato de criação nº18. Foi o instituto escolhido para a realização desse projeto de conclusão de curso, por ser uma instituição tradicional da cidade de Manaus e com uma brilhante história desde a sua criação até os dias atuais. Tem como gestora da instituição a Professora Ana Goreti Guimarães Bernardo, Pedagoga, Especialista em Metodologia da Pesquisa e Gestão Escolar. A escola desenvolve inúmeros projetos internos e com parcerias com a FAPEAM, UEA, UFAM e IFAM como o Projeto MUSEU – Resgate de toda História da Escola, Projeto de Dança – Cultura de todos os Continentes, Projeto de Espanhol – Feira Hispânica, Projeto Linguístico – Saraus e Dramatizações Literárias, Projeto de Canto – Coral e o Projeto Nosso Festival Folclórico realizado com os pais e Comunidade escolar. O horário de funcionamento da escola é de Segunda a Sexta-feira das 07hrs:15min às 11hrs:30min e das 13hrs:15min às 17hrs:30min.

A comunidade observada da instituição é diversificada por ela estar locada no centro comercial da cidade tendo ao seu redor lojas, empresas e poucas residências. Dessa forma, a escola comporta alunos de diferentes classes sociais.

O seu formato de ensino é medido de acordo com as modificações sistemáticas apropriadas ao ensino racional e prático de letras e ciências baseado no método de seriação progressiva, utilizando meios rigorosos, disciplina e esmerada educação de jovens estudantes de ensino médio para melhor desenvolvimento cognitivo e moral. A escola desde sua origem preserva a busca de

um ideal renovador que perdure de geração em geração e conta com grandes profissionais qualificados no seu quadro educacional. O prédio mantido tradicional demonstra a importância de se ter um ensino de qualidade nesse ambiente educacional, tornando-se uma das escolas mais conceituadas do Amazonas. Com uma estrutura física invejável construída em área total de 1.509m², tem 15 amplas salas, quadra esportiva externa para uso metodológico das disciplinas e projetos interdisciplinares, auditório, teatro Arena para a realização de apresentações culturais e outras extracurriculares, vários compartimentos distribuídos com identificação.

No educandário as atividades educacionais são realizadas em dois turnos, locus de pesquisa. Estudam alunos entre 14 a 20 anos divididos nas séries de 1º 2º e 3º anos, de todas as classes sociais que são valorizadas com o importante ensino padrão e igualitário, preservando de maneira qualitativa o conhecimento recebido em sala de aula, seguindo o plano pedagógico desenvolvido para ser aplicado anualmente sem diferenciar os alunos por gêneros, raças ou cor e etc. Os alunos da atual geração que frequentam o educandário são disciplinados e priorizam a educação que ali é compartilhada e são incentivados com o apoio familiar, que assumem um papel importante para a permanência dos alunos na escola. No Artigo publicado no V Colóquio Internacional Paulo Freire (Vasconcelos, 2005) dispõe da seguinte interpretação condizente a essa interação:

Processo interpessoal pelo quais indivíduos em contato modificam temporariamente seus comportamentos uns em relação aos outros, por um a estimulação recíproca contínua. A interação social é o modo comportamental fundamental em grupo. (DICIONÁRIO DE PSICOLOGIA, p. 439)

A escola sendo um alicerce e com diálogo preserva a integridade dos alunos, visando o crescimento pessoal e profissional de cada um deles. Segundo Paulo Freire (1967, p. 66) “[...] o diálogo é uma relação horizontal. Nutre-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança”. O diálogo realmente é uma oportunidade primordial entre ambos os lados de atuações na escola. Isso é incentivado a todos que constitui o modelo tradicional vivenciado durante longos anos da escola no intuito de abraçar o conhecimento e perpassar de geração em geração. A escola demonstrou-se adepta a evolução do ensino e colabora nesse processo de aprendizagem dos alunos com recursos possíveis para a elaboração do plano de ensino, seguido pelos professores em sala de aula. Segundo Vera (2012):

O planejamento é imprescindível para o sucesso cognitivo do aluno e êxito no desenvolvimento do trabalho do professor, é como uma bússola que orienta a direção a ser seguida, pois quando o professor não planeja o aluno é o primeiro a perceber que algo ficou a desejar, por mais experiente que seja o docente, e esse é um dos fatores que contribuem para a indisciplina e o desinteresse na sala de aula. É importante que o planejar aconteça de forma sistematizada e contextualizada com o cotidiano do aluno – fator que desperta seu interesse e participação ativa. (VERA, 2012. p. 5)

Seguindo esses preceitos, a escola fixa seu modelo educacional recebendo a aceitação da comunidade e reconhecimento conceitual de instituição incentivadora de educação com qualidade. O Colégio Amazonense Dom Pedro II, conhecido como Estadual na linguagem popular de Manaus, através desses aspectos coloca-se transparente na sua visão de futuro com o sucesso profissional e exercício da cidadania, com a missão de promover o desenvolvimento dos alunos nos respectivos aspectos cognitivos, afetivos e sociais, psicomotores e éticos, buscando ensinar os valores e crenças com métodos assertivos aos jovens que estudam na instituição de ensino.

4- RESULTADO DE UM PROCESSO

Iniciamos nosso processo de pesquisa no campo no dia 30/08/2018, onde levamos a temática à responsável da parte pedagógica na escola com intuito de dialogar, verificar os possíveis métodos a realizar dentro da sala de aula, buscar a interação com o professor responsável da disciplina que seria a parceira desse projeto e a aceitação dos sujeitos principais que seriam os alunos do 1º ano do Ensino Médio, no período vespertino, divididos em duas turmas totalizando 90 discentes participantes frequentes nas atividades a serem exploradas.

A recepção foi excelente pela Diretora do Educandário que nos deu a resposta positiva quanto às ações que faríamos no período da pesquisa. A pedagoga nos apresentou a professora A.F.F.P, que tem a graduação em Letras/Língua Portuguesa/Literatura e com especialização em Língua Portuguesa Redação e Oratória, Educação Inclusiva e Libras, responsável por ministrar Artes na referidas turmas e a disciplina essencial do objetivo da pesquisa. Verificamos através da sua formação, um dos fatores discutidos na universidade e é relevante no sistema educacional existente em nosso estado e acredito que em toda parte do Brasil. A disciplina é um complemento de atividades exercidas pela professora para cumprir a grade profissional da escola, uma prática que perpassa anos para normalizar e obter um profissional da área para ser responsável em ministrar Artes aos alunos. Em outras circunstâncias, as atividades se tornaram polivalentes na rotina da professora e que demonstrou estar apta a desenvolver didaticamente a metodologia como informa o PCN's em Artes.

Além da greve dos Servidores da Educação, tivemos outras dificuldades para aplicação das atividades aos alunos, no período eleitoral a escola é sede de votação e houve dias de paralisações por determinação da justiça. Outro fator turbulento foram às datas com feriados nacionais e estaduais, principais barreiras enfrentadas que fizeram efeitos negativos para iniciar e dar continuidade na pesquisa. Houveram paralisações por acontecimentos ocorridos por problemas internos no quadro de energia que impossibilitaram as atividades na instituição seguirem normalmente durante duas semanas. Porém, a escola e toda a parte pedagógica, consentiram a nossa pesquisa para ser um dos meios avaliativos dos alunos, dando liberdade para

somar com o ensino-aprendizado, explorando técnicas da Arte-Educação na temática de nosso objetivo para repassar informações no Ensino das Artes.

Porém, destacamos o espaço e tempo como meios pertinentes e desafiadores a nossa proposta, pois passaram a ter um planejamento acelerado para chegar ao resultado de nossa pesquisa. Os espaços de sala de aula ampla, tínhamos que trabalhar conteúdos de forma que a sonorização atingisse a atenção dos discentes. Os tempos de 45 min eram poucos e a partir daí dividimos em processos teóricos e práticos a nossa metodologia aplicada. A Dança sendo ainda um preconceito pela maioria dos sujeitos de nossa pesquisa, mas que foram recíprocos a ideia mencionada e a positividade na participação de todos.

O Colégio Amazonense Dom Pedro II, foi escolhido pelo fato de ser uma instituição mais antiga no ramo da educação no Amazonas e ser considerada de excelência na visão sócio-política e cultural dos indivíduos pesquisadores. Para manter sigilo as informações, usaremos nomes pré-definidos no vocabulário regional elencando: curumim aos meninos; cunhatã às meninas; pajé a professora responsável pela disciplina de Artes na escola.

1º Processo nas turmas “I e II” de 1º ano do Ensino Médio

Data	Dia da semana	Horário
13/09/2018	Quinta-feira	14h00min às 14h45min
13/09/2018	Quinta-feira	16h40min às 17h20min

Iniciamos o processo da pesquisa no campo de modo observatório, tivemos uma excelente recepção, verificamos a parte social e de interação dos sujeitos, a estrutura física do âmbito escolar e os materiais cedidos pela escola para auxílio do conhecimento artístico. Percebemos que em sala de aula, a professora tem autonomia e segurança na sua didática e nas formas de como avalia os alunos nas tarefas exigidas para obtenção de notas no bimestre em questão. A polivalência não a deixou acomodada e vimos técnicas diferentes que me surpreenderam na qualidade que ela recebia no resultado final no que havia solicitado. Logo, vimos às possibilidades que os alunos poderiam nos mostrar durante todo o processo da

pesquisa. Nesse contexto, a arte – educação aplicada no ensino médio demonstra a importância da disciplina em dar continuidade no saber dos jovens aprimorando o que os mesmos vieram aprendendo durante os anos fundamentais na escola. É papel do ensino médio levar a esses sujeitos a criticidade sobre assuntos artísticos que farão parte de sua vida inteira, observando aspectos fluentes do conhecimento geral das Artes.

Em sequência, tivemos uma apresentação formal sobre a temática que abordaríamos durante o processo de pesquisa, uma roda de conversa enfatizando e preparando os caminhos que a partir daquele momento serviria como início da busca dos nossos resultados. Podemos salientar a diferença na recepção das turmas de sujeitos da nossa pesquisa quando adentramos a sala de aula, alguns dispersos sem dar a importância nesse primeiro instante. Mas, em conversa acordada com a professora responsável da disciplina de Artes, formalizaram a ideia optativa de avaliação bimestral e logo trouxemos a atenção de todos e unimos o processo de ensino – aprendizagem sem colocar como obrigação aos alunos de nos permitir realizar essa pesquisa com os mesmos.

Partimos então para o início de nossa pesquisa considerando todos os discursos válidos quanto às atividades que seriam desenvolvidas até a data final estipulada em concordância com alunos e professora. Realizei como metodologia a aplicação de uma aula tradicional, usando o quadro, pincel e a entonação vocal, olhando para todos em sala e verificando a atenção que seria concedida por eles nos 45 min que tínhamos, aliás, 30 minutos contabilizados, pois a professora ainda fez a chamada e momento de entrega dos trabalhos avaliativos e em seguida as nossas boas vindas. Confesso que decidi começar a aula na maneira simples de usar três materiais para sentir que poderia contextualizar o tema, sentir a realidade vivenciada todos os dias pelos mestres educadores nas escolas e discutir assuntos pertinentes que me fizeram chegar até aqui. Percebi a importância em participar ativamente nessa busca de informações e repasse de conhecimento da cultura popular regional, afinal são indagações e objetivos atribuídos desde que entrei na Universidade. Com isso, implantar a Dança como vertente principal para o compartilhamento de conhecimento e claro acionarmos de maneira educacional a interdisciplinaridade com as outras que compõe a disciplina de Artes, somando a esse primeiro processo dinâmico de aprender, reconhecer, valorizar e ser crítico na

observação da Cultura Popular Amazônica no ensino em sala de aula visando preparar ainda mais esses jovens, na procura de sua identidade cultural.

Em primeiro processo realizado em duas turmas, trabalhar a temática com a turma de quase 90 alunos, somando ambas nesse contexto. Demonstrou ser um desafio e tanto. São jovens que pudemos conhecer e receber de forma divertida o positivo de continuar a pesquisa.



Imagem 1: Turma 01 de Sujeitos da Pesquisa, Estudantes do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Amazonense Dom Pedro II Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2018)



Imagem 2: Turma 02 de Sujeitos da Pesquisa, Estudantes do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Amazonense Dom Pedro II Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2018).

2º Processo nas turmas “I e II” de 1º ano do Ensino Médio

Data	Dia da semana	Horário
18/10/2018	Quinta-feira	14h00min às 14h45min
18/10/2018	Quinta-feira	16h40min às 17h20min

Nesse segundo processo, propomos uma aula dinâmica com materiais didáticos midiáticos para facilitar o conhecimento das informações sobre cultura e folclore, indagando os sujeitos da pesquisa nesse primeiro momento, se os mesmos já haviam recebido teorias e práticas da temática abordada e como definiam na sua visão crítica. Muitos deram suas declarações e poucos conseguiram chegar perto de uma resposta que sustentasse nossa ação como pesquisador.

As respostas sobre folclore fluíram de forma simples sem grandes frases, mas com palavras adjetivas que se podiam completar seus significados. As dúvidas se revelam no momento que solicitamos citar palavras singulares ou frases do que significa cultura. Os sujeitos ficaram pensativos e o silêncio se instalou por alguns segundos. Com isso, fizeram-me pensar o quanto os nossos jovens não tiveram um ensino gradual sobre assuntos que são pertinentes na nossa história e identidade do

próprio povo. Independente do que fosse questionado! Acreditamos então no que Abreu e Franco (2008, p. 115) os quais relatam que:

Todo o processo de ensino deve ser conduzido para atingirmos de forma a proporcionar a aprendizagem significativa de nosso aluno, proporcionando a ele não apenas o conteúdo formativo, mas possibilidade de interagir com este em seu meio social, tornando-o agente de reflexo – ação da vida em sociedade.

Nesse momento, tivemos outras indagações e nos víamos a pensar: Será que desde o seu primeiro contato com o ensino regular, o processo de ensino-aprendizagem foi defasado com informações gerais? Refiz a pergunta e logo me veio à cabeça se a cultura que eles estavam imaginando, referenciava a festas populares e tornei a solicitar respostas. E, sim! Era nas manifestações culturais que eles determinavam as definições sobre cultura. Não estava errado e logo partimos para novos rumos sobre a temática em sala de aula.

Fizemos uma dinâmica sobre folclore com uma paródia criada a partir dos refrãos da canção Asa Branca de Luís Gonzaga, intitulada “Você sabe o que é folclore”, autoria de Filipe Carvalho para a aula Armazém do Folclore, da disciplina Asas de Papel, da Educopédia/SME-RJ. Com a voz, as palmas e o instrumental, compartilhamos em tom de alegria simples música. A ideia surgiu nas pesquisas feitas no uso das tecnologias e encontradas no link: <https://www.youtube.com/watch?v=nQ4OJ-T9pQw>

Você sabe o que é Folclore?

Você sabe o que é folclore

Vou lhe dar explicação

É tudo aquilo que vem do povo

Que nasce livre no coração.

Tem a lenda da Mãe D'agua

Tem a história do Saci

Do Curupira, Vitória – Régia.

Do Caipora e Jurupari.

Os ditados populares

Mostram o que o povo sente:

Quem não tem cão, caça com gato.

Olho por olho, dente por dente.

Isso tudo, podem crer,

Foi do povo que saiu

É o Folclore da Nossa gente.

Da boa gente do meu Brasil.

Por fim, sobre cultura e cultura popular, solicitamos que os sujeitos numa pequena redação, transcrevessem em até 10 linhas o seu pensamento e sua importância no currículo escolar. E a partir de então, demos o primeiro passo para pôr em prática nosso objetivo em inserir a cultura popular amazônica no processo de ensino – aprendizagem e os benefícios que ela iria proporcionar eles. Os discursos foram ecléticos e com validação assertiva do nosso propósito. Que era instigar uma criticidade em temas que podem ser considerados e explorados na linguagem artística e no currículo escolar do Ensino das Artes.

Atribuindo esse primeiro contato teórico-prático, Ferraz (2009) sobre a proposta de buscar de imediato o objetivo de nossa pesquisa, nos indica que:

[...] Não é procurando unicamente uma produção final, nem atribuindo aos alunos um número infindável de “técnicas”, que atingiremos as metas (...). Mais do que isso, importa a observação de como e o que é definido no transcorrer das aulas de arte. Ou seja, estamos falando em uma educação da práxis artística, preocupada com o aprofundamento de conceitos, critérios e processos que levam (...) a dominarem a linguagem específica da arte. (FERRAZ, 2009, p. 58-59).

E com isso demos prosseguimento a nossa pesquisa com um olhar visionário do que podíamos realizar a mais nesse processo de ensino – aprendizagem dos jovens.

(Imagens selecionadas dos textos em Anexo)

3º Processo nas turmas “I e II” de 1º ano do Ensino Médio

Data	Dia da semana	Horário
25/10/2018	Quinta-feira	14h00min às 14h45min
25/10/2018	Quinta-feira	16h40min às 17h20min

Iniciando mais um processo de nossa pesquisa, preparamos uma temática com assuntos voltados ao cotidiano e manifestação da nossa própria região amazônica. O material utilizado para essa atividade teórico-prática foi através do uso de recursos midiáticos, trechos de músicas e da importância de se ter uma cultura tão rica e conhecida no mundo inteiro.

Fizemos a acolhida aos alunos, interagindo da melhor forma para que nada pudesse interferir nesse contato pessoal, abrindo cada vez mais o espaço de interesse dos alunos, aguçando a curiosidade antes e após a prática elaborada. Levamos então como proposta de ensino, a cultura popular Amazônica Boi – Bumbá de Parintins e todos os elementos que formam o saber dessa manifestação e importância de se aplicar no meio educacional.

Antes de começar a repassar as informações de conhecimento, fizemos perguntas como: Quem aqui conhece o Festival de Parintins? Quem assistiu pessoalmente ou por meio das redes de comunicação (tv, lives nas redes sociais e etc)? Quem nunca ouviu falar ou não gosta do assunto? As perguntas foram realizadas no objetivo de poder observar e conseguir transmitir a segurança de falar sobre o nosso objetivo de pesquisa. Afinal, temos as bibliografias e a tecnologia a nosso favor, porém poucos têm acesso a informações sobre a cultura popular ou manifestação popular do próprio lugar que habita. Nesse contexto, Möndiger (2012) nos coloca a frente dessa pesquisa e por escolhermos a disciplina de arte para referenciar o assunto e o que podemos absorver nesse contato grupo ou individual, nos relata que devemos:

Refletir sobre a concepção que temos das artes e o que implica ensinar artes na escola é fundamental, pois isso subsidia nossas escolhas metodológicas, conteúdos, competências e processos de avaliação, influenciando nas decisões pedagógicas a adotar. [...] Vivemos conectados pela internet, pelas redes de relacionamento. O conteúdo, a notícia, o acontecimento estão cada vez mais disponíveis no momento imediato (...) basta digitarmos palavras-chaves em um site de busca e imediatamente obtemos a resposta. [...] Os conteúdos são importantes, mas só adquirem sentido quando estão conectados com outros e áreas de conhecimento, com a vida que temos e a que desejamos. (MÖNDIGER, 2012, p.50-51).

A partir desse pensamento, percebemos que nossa proposta tem fácil acesso às pesquisas e nos indagamos sobre como poderíamos colocar em prática, sem que os alunos transmitam a falta de interesse ou não compartilhar os mesmos ideais sobre essa cultura popular. Seria então um desafio e um caminho cheio de obstáculos a percorrer. As respostas dirigidas sobre as perguntas solicitadas foram de grande relevância para continuarmos a nossa pesquisa. O assunto para alguns era novo e sem o interesse que estávamos a procura. No entanto, todavia, o que nos facilitou nesse processo de ensino-aprendizagem foi o auxílio midiático e os recursos que prenderam a atenção de todos e os diálogos começaram a fluir de maneira positiva.

Dialogamos com o campo de pesquisa sobre a Cultura Popular Amazônica e os processos que se estabeleceram desde a nossa existência nativa nas terras que hoje habitamos. Os benefícios intelectuais adquiridos e os malefícios ocasionados com essa aculturação bruscamente realizada, o processo de migração e imigração que formaram a sociedade amazônica atual. A conversa se tornou muito mais agradável pela curiosidade de alguns ao perguntarem sobre “o que realmente podemos aprender com o Boi-Bumbá na escola e o que podemos fazer para repassar o conhecimento de geração em geração”. Confesso que a pergunta me deixou um espaço para prosseguir afundo a nossa pesquisa. Demos continuidade falando sobre o povo amazônica e a sua maneira de viver na sociedade. As divisões de classes, lugares em belezas naturais, cotidiano das pessoas que moram no interior de zona rural e urbana e impor que falem das diferenças comparando a rotina daqueles que moram na cidade grande, no caso Manaus-AM.

Em ênfase a essa proposta metodológica que demos o início em sala de aula, inspiramo-nos no discurso em que Marques (2010) retrata que:

Os sistemas de ensino aprendizagem se servem de metodologias de ensino para abrir e (re)escrever passagens, caminhos e trajetórias na educação (...) Não é qualquer proposta metodológica que propõe a construção de redes de relações abertas (...) de construção de conhecimento com os alunos em sociedade. [...] A escolha de percursos, caminhos e trajetórias de ensino diz respeito a todos os espaços em que se estabeleçam relações de quem-ensina-quem-aprende e o conhecimento, e, portanto, não é restrita às escolas formais e tampouco às crianças ou aos jovens. (MARQUES, 2010, p. 53).

Nesse intuito de estabelecer um formato dinâmico a nossa metodologia, o pensamento de Marques (2010) reflete que o nosso objetivo de pesquisa, está cada

vez mais próximo de ser alcançado. O que temos como obstáculo maior é o tempo em sala de aula e por esse motivo nos faz dar uma pausa no nosso diálogo e continuar na aula seguinte, já agendada e planejada.



Imagem 3: Sujeitos da Pesquisa, Estudantes do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Amazonense Dom Pedro II Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2018).

4º Processo nas turmas “I e II” de 1º ano do Ensino Médio

Data	Dia da semana	Horário
01/11/2018	Quinta-feira	14h00min às 14h45min
01/11/2018	Quinta-feira	16h40min às 17h20min

Então nesse processo demos a continuidade sobre a temática anterior e da mesma forma, usamos todos os recursos possíveis a serem explorados em sala de aula no tempo estipulado. Sem muito a esperar, pois cada minuto é valioso para um professor em sala, fizemos uma retrospectiva sobre o que havíamos dialogado e logo em seguida fomos ao uso de slides mostrando informações sobre o Boi – Bumbá e suas vertentes. Um novo conhecimento em sala de aula que só era praticado nas aulas práticas de educação física e por festas comemorativas no período que antecede o recesso escolar, o período junino. Para esse processo de

ensino – aprendizagem, informamos aos alunos da importância que as artes tem como disciplina, o que ela tem a ensinar à cada um e o que a mesma beneficia quanto ao conhecimento de interdisciplinaridade de suas vertentes em prol a educação dos sujeitos na sociedade. Pois, a Cultura Popular Amazônica Boi – Bumbá de Parintins é rica de ensinamentos em todas as áreas de conhecimento e com as Artes não seria diferente. Nas esferas educacionais artísticas, podemos visualizar que o Boi – Bumbá remete a produções significativas que podem ser utilizadas para o saber de um povo e a criticidade dos jovens, sujeitos de nossa pesquisa. Assim como Abreu e Franco (2008, p.112) relatam dessa importância e informam que é no “campo educacional que a cultura folclórica pode ganhar uma forma privilegiada, tendo a escola como um dos lugares consagrados à formação dos indivíduos e à sua integração numa comunidade de iguais...”. (ABREU e FRANCO, 2008, p. 112)

Levando em consideração aos fatos na cultura do Boi – Bumbá, explanamos sobre as suas vertentes referentes ao Boi de terreiro, Boi de Rua e Boi de Arena, exemplificando o significado de cada uma e o que elas nos transmitem na história do caboclo de nossa região. A diferença é apenas crescente devido saber que um grupo de pessoas criaram de forma simples e reinventaram uma cultura que tem como influências o Bumba-meu-boi do Maranhão e ao inserir na sua identidade local, buscaram evoluir em sintonia com os povos nativos da terra, fazendo com que a teatralização dessa brincadeira ganhasse espaço e tradição.

As brincadeiras de terreiro, a partir de então passaram por transformações que trouxeram pessoas de diferentes partes a conhecer esse novo formato, envolvendo uma comunidade e suas adjacências. Nesse contexto histórico, dialogamos com o campo e mostramos que a vida do caboclo amazônica poderia ser divulgada ao mundo todo através do Boi de Arena, manifestação ocorrida num santuário chamado Bumbódromo e que tinham itens que faziam a composição de todo o espetáculo criado vinda de uma simples brincadeira de terreiro.

De forma dinâmica mostramos em vídeos e imagens os itens de julgamento no festival e a representatividade que cada um consiste nesse espetáculo. A curiosidade aflorou quando chegamos a falar das Figuras Típicas Regionais, Lendas e Rituais. Pois foi nesses itens que conseguimos responder a perguntas que nos fora feito, repassando como forma de valorização da nossa existência indígena, cabocla e miscigenação. E os ideais que são transmitidos turisticamente que podem

ser utilizado como conhecimento em sala de aula. Permitindo assim, a continuidade do repasse do conhecimento de geração em geração e o desenvolvimento crítico diante do que foi apresentado. Dando prosseguimento e relevância ao que se vive na atualidade, afinal nada do que é originário pode ser reproduzido de tal forma, e sim nos aspectos presentes da sociedade em questão como Marques (2010) diz sobre reviver a cultura popular e reproduzir dando significados que:

A história factual periodicizada carrega consigo uma imensidão de outras histórias que enredam, expandem e traçam redes de relações entre si. Nesse sentido, precisamos questionar o passado com questões atuais (...) para que as histórias não sejam vazios homogêneos, períodos estanques, datas distantes ou fatos sem sentidos – para que as histórias que conhecemos e vivemos não sejam apenas pontas de iceberg. (MARQUES, 2010, p.60).

Nesse pensamento, trouxemos então que a cultura do Boi – Bumbá retrata inúmeros assuntos ecológicos, ambientais, de consciência, tradição e de futuro, pois uma cultura se reinventa a cada momento e passagens de indivíduos por ela. Em concordância a isso, mostramos a notícia em que o Complexo Cultural do Boi – Bumbá e Parintins iriam ser reconhecidos oficialmente como patrimônio cultural do Brasil, em reunião que acontecera na cidade de Belém do Pará no dia 09 de Novembro de 2008, pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) Para reforçar essa notícia, Sampaio (2014) faz uma análise de um festival que pode ser identificado em qualquer outro, relatando que:

Conduzem-se numa linha de realidade, espaço, tempo e energia, componentes fundamentais para as noções da vida e evolução dos sentimentos humano. A formação do festival passa pela união de povos e culturas, revelando a luz e a força de suas origens, numa evolução universal, num exercício de paz e harmonia, razão pela qual o festival consegue unir-se tão naturalmente ao som, aos ritmos, à fala e a fascinação específica, que as artes exercem no tempo.

Nos minutos finais, pedimos que os alunos escrevessem sobre o que aprenderam na temática abordada e se gostariam que a cultura popular amazônica fosse objeto de estudo em sala de aula. A atividade foi por escrito e as respostas se encontram em anexo.



Imagem 4: Sujeitos da Pesquisa, Estudantes do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Amazonense Dom Pedro II Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2018).

★ Festival Folclórico ❤️ Itens de Julgamento

- | | |
|--------------------------|----------------------------|
| 1- Apresentador | 13- Tribos Indígenas |
| 2- Levantador de Toadas | 14- Tuxauas |
| 3- Batucada/Marujada | 15- Figura Típica Regional |
| 4- Ritual Indígena | 16- Alegoria |
| 5- Porta Estandarte | 17- Lenda Amazônica |
| 6- Amo do Boi | 18- Vaqueirada |
| 7- Sinhazinha da Fazenda | 19- Galera |
| 8- Rainha do Folclore | 20- Coreografia |
| 9- Cunhã – Poranga | 21- Organização do |
| 10- Boi Bumbá Evolução | Conjunto Folclórico |
| 11- Toada Letra e Música | |
| 12- Pajé | |

Imagem 5: Slide aplicado como material metodológico aos Sujeitos da Pesquisa, Estudantes do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Amazonense Dom Pedro II Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2018).

5º Processo nas turmas “I e II” de 1º ano do Ensino Médio

Data	Dia da semana	Horário
08/11/2018	Quinta-feira	14h00min às 14h45min
08/11/2018	Quinta-feira	16h40min às 17h20min

Nesse processo, o campo de pesquisa demonstrou ser participativo ao elaborarmos uma retrospectiva dos assuntos já repassados anteriormente e através do diálogo, reproduzimos a formalidade de trabalhar o progresso da pesquisa com os sujeitos do ensino médio dando prosseguimento a atividade totalmente prática, sempre embasada nas teorias de grandes autores e pesquisadores da educação e das artes para fortalecer nosso desenvolvimento e envolvimento com a temática em sala de aula.

Apresentamos aos alunos de ambas as turmas de ensino médio a de 1ºano 1 e 1º ano 2, a Dança como fator principal do nosso trabalho e logo verificamos quais métodos usaríamos para que os sujeitos se permitissem praticar e aprender dinamicamente o tema do Boi-Bumbá através dessa vertente das Artes. No intuito de não só mostrar a dança como definição de linguagem, abordamos aos alunos que a dança pode ser muito mais vivenciada e também definida como expressão do homem. Fato esse que Sampaio (2014) nos revela que através dessa significação:

[...] O artista esforça-se para exprimir todo o seu sentimento e procura resgatar essas sensações corporais, fortemente contagiando a quem olha para ela. São qualidades expressivas dessa arte onde a imaginação é um apelo que emerge do espirito. (SAMPAIO, 2014, p.56).

Sabemos a importância de se aprender artes na escola e apoiar-se a uma vertente dela como: artes visuais, música, teatro e dança, compreendemos que o papel da escola não é formar Artistas e sim cidadãos aptos a compartilharem dessas artes de maneira crítica, sensível, idealista, criativa enfim, muitas qualidades linguísticas. Porém se trabalhar a dança no universo escolar, visa não só aprimorar o talento culturalmente já desenvolvido pelos sujeitos no meio social, mas incentivá-los a observarem com outros olhos o que podemos elaborar com as riquezas artísticas de cada um. Porpino (2018) possibilita um discurso positivo da dança no universo educacional, relatando que:

Considerando a necessidade dessa reforma do pensamento no contexto da educação, pensemos na dança como um educar que possa incluir a

diversidade, o diálogo entre múltiplos aspectos da existência, a plasticidade do corpóreo e a beleza como dimensões necessárias e inerentes ao viver. Neste contexto, o aprender pode significar não somente entrar em contato com um mundo de sentidos já estabelecidos pela humanidade, mas também a transgressão de tais sentidos já formulados na criação de outros. (PORPINO, 2018, p.114).

Dentro desse universo, solicitamos aos sujeitos que organizassem a sala que permitisse a participação de todos no espaço. Nesse meio tempo, fazíamos pergunta como: Alguém aqui dança ou dançou algum ritmo, estilo, em festas, trabalhos de escola, grupos de dança, atividade extracurricular na escola ou fora dela, na igreja, enfim, praticou a dança alguma vez de sua vida? Nas turmas, ouvimos respostas bem variadas! Alguns responderam dançar em grupos da igreja, danças urbanas, ballet e danças folclóricas fora da escola. Dentro da escola apenas na realização de trabalhos práticos da disciplina de Educação Física. Com isso, fizemos alguns métodos de interação e nos organizamos no espaço da sala e pedindo que ficassem em um círculo, fechassem os olhos e apenas sentissem sua própria respiração. A voz de comando era um dos métodos para o início da dinâmica e os sujeitos reproduziram como forma de conhecer seu próprio corpo através da consciência corporal. Sampaio (2014) nos informa que a consciência corporal:

A consciência corporal é grande aliada da improvisação e ajuda a descobrir cada estímulo do corpo. Podemos aprender e aprender sentindo a força de contrações, por exemplo, que exerce no nosso corpo no processo criativo. O ritmo, a musicalidade, o equilíbrio fluem expondo expressões e sentimentos verdadeiros, de forma a estabelecer e passar ao público aquilo que se quer dizer com o instrumento de trabalho, o nosso corpo, expressando a beleza do gesto em movimento. (SAMPAIO, 2014, p. 89).

Com um fundo musical, embalados na toada instrumental “Cantos de Guerra” do compositor Rosivaldo Cordeiro, realizamos movimentos desde os dedos das mãos ao corpo todo de forma simples, preparando os sujeitos para repassar os fundamentos do “Dois pra lá e dois pra cá” e verificando as habilidades de cada um nesse processo, enfatizando a não perfeição dos movimentos. Laban (1985) apud Marques (2010) nos informa que:

Nas escolas onde a arte-educação é fomentada, não objetivamos a perfeição artística ou a criação de espetáculos de danças sensacionais, mas o efeito benéfico da experiência criativa da dança sobre a personalidade do aluno. A questão de produzir danças em escolas deve ser tratada, portanto, com muita delicadeza e deve seguir regras definitivas e procedimentos discutidos detalhadamente. (LABAN, 1985, apud MARQUES, 2010, p. 79).

Após a preparação corporal dos sujeitos, utilizamos os fundamentos da dança do boi – bumbá mostrando a todos a dinâmica em que os movimentos podiam ser dançados e colocando em prática ações de observação como espaço, tempo, ritmo, corpo e movimento. A dança do boi – bumbá tem a união de inúmeras outras culturas e que unida às danças indígenas, fazem com que os movimentos apareçam com bastante expressão. Como proposta prática, utilizamos a Toada “Tic tic Tac” do grupo Carrapicho de autoria dos compositor Bráulio Lima, interpretada na voz de Zezinho Correa.

6º Processo nas turmas “I e II” de 1º ano do Ensino Médio

Data	Dia da semana	Horário
12/11/2018	Segunda-feira	13h00min às 15h40min

Esse processo, obtivemos a autorização da parte pedagógica em aplicar nossa pesquisa em três tempos que foram favoráveis para que a dinâmica fosse realizada com sucesso. Propusemos aos sujeitos a realização de um Auto do Boi e nele contar como alicerce de ensino-aprendizagem a interdisciplinaridade na música, teatro e artes visuais. Em primeiro momento, saudosamente compartilhamos a felicidade de oficialmente noticiar aos jovens sobre o Tombamento que o Boi – Bumbá de Parintins fora reconhecido como Patrimônio Cultural Nacional e com palmas em sala de aula, percebemos a instantaneidade da ação realizada no momento.

Antes de qualquer outra dúvida, informamos aos alunos que o processo de observação das atividades desenvolvidas deveria contar com a participação de todos, e que os mesmos não se preocupassem com o tipo de resultados iriamos formalizar na práxis criativa da dinâmica. Nesse pensamento, Laban apud Marques (2010, p.79) nos beneficia com a descrição de que o resultado pode não obter uma grandiosidade artística, porém deverá ser executada com uma plena participação interna, com clareza das formas e que não deve se originar do desejo de criar trabalhos notáveis, a não ser que o mesmo tenha uma boa aceitação do publico alvo.

Em relevância a isso, apresentamos três vídeos que nos deram suporte no conhecimento sobre a temática e em seguida fomos a prática do Auto do Boi realizado pelos alunos do ensino médio 1º ano 1 e 2. Os vídeos tinham como conteúdos sobre o Boi – Bumbá de Parintins na visão de um Digital Influencer Bruno Di Oliveira, no canal do youtube “O curioso”, publicado no dia 06 de julho de 2016 e dos autos do boi Caprichoso e Boi Garantido apresentados no festival folclórico de 2017. Em seguida, contamos como se procede à tradicional história encenada no auto do boi e dividimos os papéis dos personagens, itens simbólicos, atuais dos dois bois, e o restante dos alunos representando as nações que assistem de perto esse grande espetáculo.

Aproveitando o espaço cedido, iniciamos a prática do auto do boi em primeira ação bem dinâmica, divertida. Como participante dessa pesquisa, criamos um texto improvisado e logo definimos o que cada personagem faria no momento. Apesar do auto do boi ser uma cena dramática dos contos folclóricos brasileiros, fizemos uma parte cômica na teatralização através do casal Pai Francisco e Mãe Catirina, que segundo Möndiger (2012) “o riso facilitaria o repasse do conhecimento e prenderia a atenção nesse momento artístico”. Podemos refletir que alguns pensamentos podem surgir e elencar que na escola por ser um ambiente sério, o riso não entra. Mas Möndiger nos retrata que:

[...] Muitas vezes, a escola, por ser um lugar de importante passagem dos nossos alunos, é associada à seriedade em um mau sentido. (...) A educação deve se dar em um ambiente favorável e leve, do qual o riso faça parte e o torne prazeroso, o que é favorável para qualquer aprendizado. (MÖNDIGER, 2012, p. 85).



Imagem 6: Pai Francisco e Mãe Catirina encenada pelos Sujeitos da Pesquisa, Estudantes do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Amazonense Dom Pedro II Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2018).



Imagem 7: Cena Dramática da Morte do Boi com o Fazendeiro e Narradora encenada pelos Sujeitos da Pesquisa, Estudantes do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Amazonense Dom Pedro II Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2018).



Imagem 8: Cena Dramática da Morte do Boi com o Fazendeiro e sua filha Sinhazinha encenada pelos Sujeitos da Pesquisa, Estudantes do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Amazonense Dom Pedro II
Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2018)



Imagem 9: Pesquisador Participante encenando com os Sujeitos da Pesquisa, Estudantes do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Amazonense Dom Pedro II Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2018).

Em relevância a dinâmica, realizamos um diálogo diferenciado e com uma surpresa, levamos elementos cênicos concretos para contribuir no processo de ensino-aprendizagem aos alunos. A curiosidade se instaurou e podemos assim, apresentar detalhes da confecção artística e os materiais artesanais elaborados por artistas da nossa terra. Disponibilizamos o manuseio e explicamos detalhes e a função de cada acessório na representatividade dos itens ou símbolos que compõe a cultura popular amazônica Boi – Bumbá de Parintins. O que motivou e prendeu a atenção dos alunos, foi o próprio Boi de Pano. Os meninos mostraram interesse ascendido que tanto esperávamos e logo se tornaram participativos ativos de nossa pesquisa. Em sequência, com a união das duas turmas, optamos em usar a estrutura física do teatro arena, espaço onde acontecem reuniões e grandes apresentações dos alunos pelos projetos em que a escola insere no currículo escolar.



Imagem 10: Identificação dos Elementos Cênicos pelos Sujeitos da Pesquisa, Estudantes do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Amazonense Dom Pedro II Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2018)



Imagem 11: Atividade do Auto do Boi Encenada pelos Sujeitos da Pesquisa, Estudantes do 1º ano do Ensino Médio no teatro arena do Colégio Amazonense Dom Pedro II Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2018).



Imagem 12: Atividade do Auto do Boi Encenada pelos Sujeitos da Pesquisa, Estudantes do 1º ano do Ensino Médio no teatro arena do Colégio Amazonense Dom Pedro II Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2018).



Imagem 13: Personagens do Boi Bumbá encenada pelos Sujeitos da Pesquisa, Estudantes do 1º ano do Ensino Médio no teatro arena do Colégio Amazonense Dom Pedro II Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2018).

No uso de mídias e um instrumental, facilitamos a encenação do auto do boi na qual uma, das duas turmas, sujeitos da pesquisa, realizaram a prática anteriormente preparada e apresentaram aos colegas. O intuito da dinâmica era permitir com que os mesmos reproduzissem o que haviam acabado de conhecer teórico-prática dentro da sala de aula numa visão criada pelos próprios sujeitos. Um desafio aceito pelos alunos e com sucesso fora idealizado! Como relatamos anteriormente, a dinâmica realizada seria para contribuir com o nosso objetivo em obter a aceitação da cultura popular amazônica Boi – Bumbá de Parintins e a criticidade dos sujeitos quanto a todos os temas abordados durante o percurso de nossa pesquisa. Conquistando o espaço e a valorização de um Patrimônio Cultural Nacional dentro do âmbito educacional, assim como Mõndiger (2012) refere aos professores e a forma de incentivar os alunos quanto as atividade do Ensino das Artes:

[...] O importante é pensar que, os alunos merecem conhecer e vivenciar boas experiências em artes visuais, música, teatro e dança. [...] Muitos dos seus alunos só vão conhecer parte deste mundo a partir das suas aulas (...) é uma responsabilidade muito grande. Então não deixe escapar essa oportunidade desperdiçando as ainda poucas aulas de artes com temas que envolvem as datas comemorativas ou outros já batidos. Inove! Ouse! Há um mundo artístico incrível à sua espera para tornar suas aulas muito mais interessantes! (MÕNDIGER, 2012, p. 78).

Nessa concepção, finalizamos o objetivo de nossa pesquisa nesse processo, dialogando com os alunos e verificando todos os ensinamentos atribuídos e a reciprocidade dos sujeitos quanto à ênfase proposital de nosso trabalho. Acompanhados por uma parte da banca, presenciamos através da roda de conversa, discursos contextualizados, críticos e futurísticos sobre a cultura popular amazônica Boi – Bumbá de Parintins em relação à inserção da mesma na escola através da disciplina de Artes. Procuramos ser parciais a todas as respostas, atribuindo o conhecimento alcançado em nossa pesquisa.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte como disciplina transborda grandes ensinamentos a aqueles que buscam ser reflexo contextualizado de ações artísticas na sociedade. Exercendo um papel fundamental de divulgar, ensinar, aprender, enfatizar sobre o sujeito a obter criticidade quanto a todas as vertentes que a compõe. Um processo desafiador para quem ministra essa disciplina em sala de aula, pois trabalhar a polissemia dentro desse universo artístico requer compromisso e qualidade, ter aptidão em uma vertente específica ou mais para ter o suporte nas aplicações de atividades aos alunos, sejam eles em qualquer esfera educacional. É difícil o professor em sala de aula explicar assuntos individuais como esse se não utilizarem artifícios, métodos que chamem a atenção dos sujeitos para aquele momento de atividade sobre determinados temas. Um fator de tempo e espaço desafiador sugerido pelas normas da escola, fatos como esses que acontecem em todas as partes do Brasil. Sabemos que uma boa qualidade de ensino pode ser desenvolvida em qualquer espaço, com ou sem grandes materiais didáticos, dependendo do profissional em exercer esse papel fundamental de ensinar com maestria.

Percebemos nesses discursos que a cultura popular tem grandes chances de ser compreendida de maneira dinâmica em sala de aula, mesmo que passe por obstáculos e interesses dos sujeitos. Afinal, o assunto pode ser interessante a um grupo de indivíduos, aceitas ou não nos ideais que os mesmos buscam aprender no seu processo de ensino – aprendizagem. As trocas de experiências visam resultados significativos na maneira de valorizar o aprendizado dos participantes e construir caminhos onde os diálogos sejam receptivos positivamente e poucas vezes em turbulências. É um processo de maturidade educacional estabelecida para ser aplicada no presente como forma de reprodução criativa desse sistema cultural que vem se modificando, mas, seguindo características originárias da sua cultura popular.

Nesse sentido, alcançamos nosso objetivo mesmo tendo como obstáculos maiores, o fator tempo! Muitas dificuldades foram encontradas e superadas com muito entusiasmo após ver a reciprocidade dos sujeitos de nossa pesquisa e o apoio da parte pedagógica da escola. Afinal, todo o conhecimento é válido seja qual a didática e metodologia aplicada aos alunos e a temática a ser abordada.

Reconhecemos que trabalhar com público jovem e somar com a disciplina de artes, é um meio cheio de indagações e possíveis respostas.

O fator social e característico dos alunos e lugares de onde os mesmos são implicou a reformulação de planos de aulas, projetos e dinâmicas que fariam parte dessa pesquisa, devido observar que o campo de pesquisa ainda é fechado quanto à amplitude que a disciplina e a própria Artes significam na área de conhecimento artístico e estético.

Os alunos recebem a disciplina de Artes ainda com o pensamento de atividades laborais simples, ligadas a festividades e datas comemorativas assinaladas no projeto escolar. Porém, no uso das formalidades, o professor em sala de aula recebe a autorização de implantar suas metodologias, técnicas e práxis dinâmica para avaliar de forma geral as especialidades e especificidades em que o aluno deve se organizar e apresentar.

Considerando esses fatores importantes em nossa pesquisa, formalizamos o critério de inserir a cultura popular amazônica Boi – Bumbá de Parintins através do ensino das Artes na busca de encontrar meios que facilitassem o repasse de conhecimento dessa cultura e priorizasse a criticidade dos alunos quanto à temática abordada. Sendo parciais a todas as respostas e ideais progressistas dos sujeitos. Usamos a Dança como atividade principal dessa pesquisa por identificar os benefícios que a mesma proporciona aos indivíduos na sua totalidade.

Buscando a interação social e crescimento intelectual do universo artístico que a cultura regional proporciona. Então o propósito deste trabalho foi investigar a dança enquanto processo de valorização da cultura local no currículo escolar dos alunos de Ensino Médio e a sua contribuição na socialização do sujeito adolescente/jovens. Os jovens eram de duas turmas de 1º ano no Colégio Amazonense Dom Pedro II, assíduos nas atividades da disciplina de artes, com faixa etária de 14 a 16 anos, totalizando 90 jovens, porém respeitando a integridade pessoal dos sujeitos, elencamos, analisamos e selecionamos alguns discursos que enriquecem o objetivo de nossa pesquisa, enfatizando serem muito significativas para o alcance dos resultados que foram traçados ao longo de seis processos teórico-prático.

Observamos que a cada processo realizado os jovens se permitiam a instigar e identificar o interesse em nossa proposta, buscando socializar com os colegas e

conhecer o grandioso universo das artes e em especial a Dança. Assim sendo, acredita-se que a dança, enquanto área de conhecimento individual e expressão corporal na disciplina de artes auxiliam tanto no contexto de aprendizagem do ensino popular regional, quanto nos benefícios sócios cognitivos interacionais e crítica dos sujeitos, fazendo com que os jovens sintam-se abraçados a perceber/resgatar formas prazerosas da vida.

6 – REFERÊNCIAS

ABREU, Jeanne. **Atividades Rítmicas – dança, folclore e cultura popular.** / Jeanne Abreu e Otto Franco, Manaus: UEA Edições/Editora Valer, 2008.

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil/** Ana Mae Barbosa – 6. ed – São Paulo: Cortez, 2008.

BARZOTTO, Leoné Astride. **Interfaces culturais: the ventrilouquist's tale & Macunaíma** / Leoné Astride Barzotto. – Dourados: Ed. UFGD, 2011.

BATISTA, Djalma. **Amazônia – Cultura e Sociedade.** / Djalma Batista; organização de Tenório Telles – Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.

BARZOTTO, Leoné Astride. **Interfaces culturais: the ventrilouquist's tale & Macunaíma** / Leoné Astride Barzotto. – Dourados: Ed. UFGD, 2011.

BORDA, Orlando Fals. - **Pela Práxis: o problema de como investigar a realidade para transformá-la** / Orlando Fals Borda, Federación para el Analisis de la realidade Colombiana (FUNDABCO). Bogotá, Colômbia. 1978 – www.ts.ucr.ac.cr

BRAGA, Sergio Ivan Gil (Org). **Culturas populares em meio urbanos./ Sérgio Ivan Gil Braga (Org)** – Manaus: Edua, 2012.

BRAGA, Sergio Ivan Gil. **Os Bois-Bumbás de Parintins.** Rio de Janeiro: Funarte/ Editora Universidade do Amazonas, 2002.

BRANDÃO, CARLOS RODRIGUES. **O que é Folclore,** Carlos Rodrigues Brandão. São Paulo, editora brasiliense, 1982.

COSTA¹, Vera Lucia Pereira. **Função Social da Escola** / Vera Lúcia Pereira Costa. [online] Disponível em internet via WWW. URL: <http://www.drearaguaina.com.br/projetos/funcao_social_escola.pdf> Último acesso: 25/11/2018

CRESWELL, JOHN W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e misto / John W Creswell;** tradução Luciana de Oliveira da Rocha. – 2ª ed. – Porto Alegre: Artmed, 2007.

DICIONÁRIO DO BOI BUMBÁ – Disponível em: <[http:// www.boibumba.com](http://www.boibumba.com)> . Texto de Sheila Cirigola – Último acesso: 05/11/2018 as 12:20.

FARIAS, Julio Cesar, 1966, **De Parintins para o mundo ouvir: Na cadências das Toadas dos bois – bumbás Caprichoso e Garantido** – Julio Cesar Farias. – Rio de Janeiro: Litteris Ed., 2005.

- FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo. **Arte na educação escolar** / Maria Heloisa Corrêa de Toledo Ferraz e Maria Felisminda de Rezende e Fusari – 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2009.
- FONSECA, L.A.M. **Metodologia Científica Ao Alcance de Todos**. Manaus: Editora Valer, 2010, 184 p.
- LABAN, Rudolf. **Modern educational dance**. 3ª ed. Plymouth: Northcote House, 1985.
- LABAN, Rudolf. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.
- LARAIA, Roque De Barros. **Cultura um conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1986. 116 p.
- LOOMBA, A. **Colonialism/ Post-Colonialism**. London: Routledge, 1998.
- MARQUES, Izabel A. **Dançando na Escola**, 4. Ed. São Paulo, SP: Cortez, 2007.
- MARQUES, Isabel A. **Linguagem da Dança: Arte e Ensino**/ Isabel A. Marques. -- 1. Ed. – São Paulo: Digitexto, 2010.
- MARQUES, Rozimere Pereira. **A Arte na Educação**. São Paulo: Ulbra, 2011.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora), DESLANDES, Suely Ferreira, NETO, Otávio Cruz, GOMES, Romeu – **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: vozes, 18º ed. 2001.
- MÖNDIGER, Carlos Roberto. **Artes visuais, dança, música e teatro: práticas pedagógicas e colaborações docentes** / Carlos Roberto Mödinger... [et al] ; ilustrações de Eloar Guazzelli. – Erechim: Edelbra, 2012.
- MONTEIRO, Mario Ypiranga. **Boi-Bumbá – História análise fundamental e juízo crítico**. Mário Ypiranga Monteiro – Manaus: Edição do autor, 2004.
- NANNI, Dionísia. **Ensino da Dança: Enfoques Neurológicos, Psicológicos e Pedagógicos na Estruturação**/ Expansão da Consciência Corporal e da autoestima do educando/ Dionísia Nanni. – Rio de Janeiro: Shape, 2003.
- NOGUEIRA, Wilson. **Festas Amazônicas – boi-bumbá, ciranda e sairé./ Wilson Nogueira** – Manaus: Editora Valer, 2008.
- NUNES, Kelson Silva. **Interdisciplinaridade e o ensino das artes: uma proposta de aplicação da dança no ensino médio**. 2015. Monografia (TCC) – Escola de Artes e Turismo/ curso Dança. Manaus, 2015.
- OLIVEIRA e SANTOS. **A cultura amazônica em práticas pedagógicas de educadores populares**. Ivanilde Apoluceno de Oliveira/ Tânia Regina Lobato dos Santos – 30ª Reunião Anual da ANPED, 2007.

PRATT, M.L. **Imperial eyes: studies in travel writing and transculturation.** London: Routledge, 1992.

PEREIRA Jacqueline da Silva Nunes. IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia - ESBPp. **Cultura Popular Brasileira: Dança Folclórica, o processo de ensino-aprendizagem da por meio da tecnologia multimídia.** 2009. (Congresso)

QUEIROZ, T.D. **Dicionário Prático de Pedagogia.** São Paulo: Rideel, 2003.

SAMPAIO, Lia. **O delicioso ofício de Ensinar a Dançar.**/ Lia Sampaio. – Manaus: Editora Valer, 2014.

SANTOS, Alcidinei Silva. **Gênio da fé: Reflexões sobre as contribuições de Irmão Miguel de Pascale para a arte parintinense.** 2016. Monografia (TCC) – Universidade Federal do Amazonas/ curso Artes Visuais. Parintins, 2016.

VERDERI, Érica 1965. **Dança na Escola: Uma abordagem Pedagógica**/ Érica Verderi – São Paulo: Phorte, 2009.

Will, Daniela Erani Monteiro. **Metodologia da pesquisa científica : livro digital / Daniela Erani Monteiro Will ; Design instrucional Daniela Erani Monteiro Will; João Marcos de Souza Alves – 2ª Ed. Rev. e atual. – Palhoça: UnisulVirtual, 2012** <<http://pedagogiaaopedaletra.com/cultura-popular-folclore/>>

ANEXOS

Cultura Popular Regional - Bai

Eu acho super interessante que tenha esse tipo de atividade na escola, porque também é importante aprendermos sobre nossa cultura e também executar ela. Devemos ter aprendido de tudo, muitas pessoas podem até pensar que não vai levar a nada mas como moramos na região, claro que é essencial. Gostaria muito de me aprofundar mais nesse assunto.

Anexo 1: Citação de CUNHANTÃ 1, Entrevistada/2018.

A história é algo que pode ser facilmente esquecido, ainda mais por se tratar de uma história regional, que retrata aquilo que a nossa região é por diversas vezes.

Se trata de um vasto legado que deve ser passado, de forma concreta e quanto mais pessoas souberem mais cuidado tiremos com esse legado. É muito importante estudarmos e aprendermos sobre a nossa cultura.

Anexo 2: Citação de CUNHANTÃ 2, Entrevistada/2018.

Acho que precisa ser valorizada, sim, nas escolas, e isso de qualquer região do país, para termos um exemplo de cultura a seguir e ajudando a construir até um fundo de economia no estado.

A cultura deve ser preservada para não perdermos a personalidade do nosso estado, nas escolas, deveria ser muito conhecida a cultura de tudo no estado e nas regiões do país.

Anexo 3: Citação de CURUMIM 1, Entrevistado/2018.

Não, eu acho isso muito bom, devemos aprender, claro que sim, mas não profundamente por isso é uma matéria na qual se pode aprender várias coisas antigas e sem mais interessantes que isso, poderia ser dada em um segundo plano.

É um importante saber sobre estas coisas mas não necessariamente elas têm mais coisas na cultura além disso.

Anexo4: Citação de CUNHANTÃ 3, Entrevistada/2018.

Na minha opinião não é ~~isso~~ tão importante, porém é sempre bom saber um pouco mais sobre nossa cultura e etc.

Na prática não tem quase nada sobre esse assunto, mas também a maioria dos alunos acham que isso é uma coisa banal, e não gostariam de uma aula só sobre esse assunto.

O que o professor ensinou pode ser válido porém vai de cada um se acha válido ou não, pois eu acho que não pode ser ter ~~uma~~ uma aula específica para isso, pois se as pessoas tiverem o interesse de ~~pesquisar~~ saber mais sobre nossa cultura elas podem pesquisar, pois isso é de agrado de todos.

Anexo 5: Citação de CUNHANTÃ 4, Entrevistada/2018

★ Festival Folclórico ❤️ Itens de Julgamento

- | | |
|--------------------------|--|
| 1- Apresentador | 13- Tribos Indígenas |
| 2- Levantador de Toadas | 14- Tuxauas |
| 3- Batucada/Marujada | 15- Figura Típica Regional |
| 4- Ritual Indígena | 16- Alegoria |
| 5- Porta Estandarte | 17- Lenda Amazônica |
| 6- Amo do Boi | 18- Vaqueirada |
| 7- Sinhazinha da Fazenda | 19- Galera |
| 8- Rainha do Folclore | 20- Coreografia |
| 9- Cunhã – Poranga | 21- Organização do Conjunto Folclórico |
| 10- Boi Bumbá Evolução | |
| 11- Toada Letra e Música | |
| 12- Pajé | |

Anexo6: Itens de Julgamento/ Slide aplicado aos sujeitos



Anexo 7: Item 1 – Apresentador (Acervo Garantido) Disponível em <<https://garantido.com.br/>>, Acervo: Domingos Raposo Fotografia e <https://instagram.com/parintinsocial?utm_source=ig_profile_share&igshid=xhz2plr6uv8f> Último acesso: 25/11/2018. Boi Garantido e Boi Caprichoso.



Anexo 8: Item 2 – Levantador de Toadas, Responsável pelo Item 11 – Toada Letra e Música. (Acervo Garantido) Disponível em <<https://garantido.com.br/>>, Acervo: Domingos Raposo Fotografia. <https://instagram.com/parintinsocial?utm_source=ig_profile_share&igshid=xhz2plr6uv8f> Último acesso: 25/11/2018. Boi Garantido e Boi Caprichoso.



Anexo 9: Item 3 – Batucada ou Marujada. (Acervo Folha Parintins) - Disponível em <http://folhadeparintins.com.br/?q=327-conteudo-71701-shows-de-batucada-e-marujada-agitam-ensaio-dos-bumbas> Último acesso: 25/11/2018. Boi Garantido e Boi Caprichoso



Anexo 10: Item 6 – Amo do Boi. (Acervo Garantido) Disponível em <https://garantido.com.br/> (Acervo Parintins Oficial) https://instagram.com/parintinsoficial?utm_source=ig_profile_share&igshid=xhz2plr6uv8f Último acesso: 25/11/2018. Boi Garantido e Boi Caprichoso.



Anexo 11: Item 5 – Porta – Estandarte. Acervo Garantido) Disponível em
 <<https://garantido.com.br/>> (Acervo Parintins Oficial)
 <https://instagram.com/parintinsoficial?utm_source=ig_profile_share&igshid=xhz2plr6uv8f>
 Último acesso: 25/11/2018. Boi Garantido e Boi Caprichoso.



Anexo12: Item 7 – Sinhazinha da Fazenda. Disponível em: (Acervo Parintins Oficial)
 <https://instagram.com/parintinsoficial?utm_source=ig_profile_share&igshid=xhz2plr6uv8f>
 Último acesso: 25/11/2018. Boi Garantido e Boi Caprichoso.



Anexo 13: Item 8 – Rainha do Folclore. Disponível em: (Acervo Garantido) <<https://garantido.com.br/>> e (Acervo Parintins Oficial) <https://instagram.com/parintinsoficial?utm_source=ig_profile_share&igshid=xhz2plr6uv8f> Último acesso: 25/11/2018. Boi Garantido e Boi Caprichoso.



Anexo 14: Item 9- Cunhã – Poranga e Item 12 – Pajé. Disponível em: (Acervo Parintins Oficial) <https://instagram.com/parintinsoficial?utm_source=ig_profile_share&igshid=xhz2plr6uv8f> Último acesso: 25/11/2018. Boi Garantido e Boi Caprichoso.



Anexo 15: Itens 04 – Ritual Indígena/ 13 – Tribos Indígenas/ 14- Tuxáuas/ 15- Figura Típica Regional/ 16 – Alegoria/ 17- Lenda/ 18- Vaqueirada/ 19- Galera/ 20- Coreografia/ 21- Organização do Conjunto Folclórico.

Disponível em: (Acervo Gazeta Parintins) < <https://www.gazetaparintins.com.br/?q=280-conteudo-55124-caprichoso-abre-segunda-noite-do-festival-folclore-de-parintins>> Último acesso: 25/11/2018. Boi Garantido e Boi Caprichoso.



Anexo 16: Item 10- Boi – Bumbá . Disponível em: (Acervo Parintins Oficial) <https://instagram.com/parintinsoficial?utm_source=ig_profile_share&igshid=xhz2plr6uv8f> Último acesso: 25/11/2018. Boi Garantido e Boi Caprichoso.